

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO



FE

TCC/UNICAMP M764s

DANIELA DE MELLO MONTEIRO

O SISTEMA MONTESSORI

Uma introdução dos principais conceitos e um
vídeo de observação de sala

CAMPINAS

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DANIELA DE MELLO MONTEIRO

O SISTEMA MONTESSORI

Uma introdução dos principais conceitos e um
vídeo de observação de sala

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação da UNICAMP, para obtenção de
Licenciatura em Pedagogia, sob a
orientação da Profa. Dra. Luci Banks Leite.

CAMPINAS

2009

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	ICC/Unicamp
	M764s
V:	EX:
Tombo:	4677
PROC.:	134130
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	09/04/10
CÓD TÍTULO:	474725

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

M764s	<p>Monteiro, Daniela de Mello</p> <p>O sistema Montessori: uma introdução dos principais conceitos e um vídeo de observação de sala / Daniela de Mello Monteiro. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.</p> <p>Orientador : Luci Banks Leite.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Montessori, Maria, 1870-1952. 2. Montessori, Método de educação. 3. Observação da classe. 4. Educação infantil. I. Leite, Luci Banks. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>09-347-BFE</p>
-------	---

Dedico este trabalho aos meus pais Ligia e Carlos
e a minha irmã Karla que sempre me apoiaram e incentivaram.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Agradecimentos

Agradeço este trabalho imensamente a minha orientadora Profa. Dra. Luci Banks Leite, a Camila Isola Guimarães e a todos os professores, funcionários, pais e crianças da escola.

Agradeço a minha família e a meus amigos que diretamente ou indiretamente me ajudaram para a conclusão deste trabalho. Agradeço principalmente aos meus pais Carlos e Ligia e minhas grandes amigas de faculdade Marcela, Carolina, Patrícia e Vanessa que tanto me apoiaram e me incentivaram.

“Depois que conhece uma nova idéia, a mente do homem
nunca pode voltar a suas dimensões originais.”

(Oliver Wendell Holmes Jr.)

“Dizem que o tempo muda as coisas, mas, na verdade, é você
mesmo que tem de mudá-las.”

(Andy Warhol)

Resumo

Este trabalho busca esclarecer sobre o Sistema Montessori de Ensino priorizando a Educação Infantil devido a constatação da importância desta na formação do indivíduo. Expõe-se brevemente a história do sistema desde sua origem passando por seus principais conceitos e discute-se o porquê deste ser pouco aplicado no Brasil. Apresenta-se ainda um vídeo ilustrativo de uma sala de educação infantil Montessori em funcionamento. O principal objetivo e importância deste trabalho é divulgar à comunidade acadêmica quem foi Maria Montessori e quais foram suas idéias demonstrando a eficácia e importância deste ainda nos dias atuais devido a constatação de que este é pouco conhecido e disseminado no Brasil mesmo entre os profissionais da educação. Conclui-se que a principal dificuldade encontrada para a aplicação deste no Brasil é a falta de divulgação, a má formação do professor, a dificuldade em se constituir uma sala Montessori e a baixa disponibilidade e ao alto custo do material. Ressalta-se ainda a função do professor nesta situação.

PALAVRAS- CHAVE: Sistema Montessori, Maria Montessori, observação de sala, educação infantil

Sumário

Introdução	01
I. Contextualização Histórica	09
II. Maria Montessori, quem foi esta mulher?	15
III. A descoberta da criança	26
IV. A Casa Dei Bambini	37
4.1. Princípios básico de uma escola Montessori	41
4.1.1 O material	48
4.1.2 O professor Montessori	56
4.1.2.1 A técnica da lição – os três períodos da lição	64
4.1.3 Diferenças da escola Montessori para a escola regular	67
V. A função dos pais	68
VI. A educação inclusiva	73
VII. Educação cósmica	76
Conclusão - Reflexões acerca do sistema Montessori de educação no Brasil	79
Notas de esclarecimento	82
Referências Bibliográficas	83
Anexos	
1. O álbum do professor	88
2. Modelo: termo de consentimento direção da escola	91
3. Modelo: termo de consentimento responsáveis legais	93

4. Modelo: termo de consentimento funcionários	95
5. Vídeo de observação de uma sala Montessori em funcionamento	97
6. Comentários sobre o vídeo	98
7. Mapeamento dos materiais sala de 3-6 anos	99

Introdução

A importância da educação para o bem estar de uma nação já foi bastante documentada. Muitos estudos consideram que o investimento em capital humano é responsável por grande parte das diferenças de produtividade entre os países. Naércio Aquino Menezes-Filho realizou um estudo em 2001 no qual mostrou que embora o Brasil tenha tido nos últimos anos uma melhora no nível educacional da população, esse avanço mostrou-se pequena quando comparada com a ocorrida em outros países, mesmo aqueles em estágio mais atrasado de desenvolvimento econômico que o Brasil como El Salvador e Nicarágua.¹ Além disso:

Muitos estudos internacionais vêm destacando a importância do investimento na educação pré-primária. A pré-escola visa o desenvolvimento físico, emocional, social e intelectual da criança, objetivando sua autonomia, autocontrole e confiança para se expressar e se comunicar. Pesquisas recentes comprovam que o acesso ao pré-primário tem um grande efeito no desempenho dos alunos em testes de proficiência e na habilidade comportamental não cognitiva como atenção, esforço, disciplina, e participação em aula (Garces et al., 2002 e Gertler e Fernald, 2004 apud Curi e Menezes Filho, 2006).

James Heckman, economista americano vencedor do prêmio Nobel em 2000, em entrevista para Educar para Crescer, afirma que:²

A educação é crucial para o avanço de um país - e, quanto antes chegar às pessoas, maior será o seu efeito e mais barato ela custará. Basta dizer que tentar sedimentar num adolescente o tipo de conhecimento que deveria ter sido apresentado a ele dez anos antes sai algo como 60% mais caro. Pior ainda: nem sempre o aprendizado tardio é tão eficiente. (Weinberg, 2009)

Além disso, James explica:

Alguém que não desenvolve as principais habilidades nos primeiros anos de vida terá, certamente, mais dificuldade de assimilar tais conhecimentos. Os números são

¹ Menezes-Filho, 2001

² Weinberg, 2009

espantosos. Uma criança de 8 anos que recebeu estímulos cognitivos aos 3 conta com um vocabulário de cerca de 12 000 palavras - o triplo do de um aluno sem a mesma base precoce. E a tendência é que essa diferença se agrave. Faz sentido. Como esperar que alguém que domine tão poucas palavras consiga aprender as estruturas mais complexas de uma língua, necessárias para o aprendizado de qualquer disciplina? Por isso as lacunas da primeira infância atrapalham tanto. Sempre as comparo aos alicerces de um prédio. Se a base for ruim, o edifício desmoronará. (Heckman apud Weinberg, 2009)

Segundo Ivan Valente, deputado federal, em entrevista para Educar para Crescer, a educação na primeira infância é a área mais carente de investimentos no Brasil e muito pouco tem sido feito para reverter esta situação.³

Os dados oficiais do IBGE mostram que pelo menos 30% das mulheres brasileiras com filhos de 0 a 6 anos não conseguem vagas em creches e pré-escolas públicas para suas crianças. Mas, na prática, a falta de vagas nessas instituições de todo o país é bem maior. Um estudo do economista Sergio Haddad, coordenador geral do movimento Ação Educativa, revela que menos da metade das crianças brasileiras têm esse direito atendido.⁴ Além disso, 24% dos municípios brasileiros não possuem nenhuma creche pública.⁵

Porém, o professor Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro, ressalta que apesar das chances de uma criança que teve uma boa educação na primeira infância ser bem sucedida na vida adulta, deve-se lembrar que não basta oferecer vagas para todos. É preciso garantir a qualidade destas instituições.⁶

Nos últimos anos o governo brasileiro tem 'acordado' para a necessidade da educação. Porém não são os dados científicos que motivam tais mudanças, e sim a falta de mão de obra qualificada ao mesmo tempo em que há um alto número de pessoas desempregadas no país (cerca de 8 milhões). Em 2007, o governo lançou

³ Gomide, 2009

⁴ Gomide, 2009

⁵ Redação educar, 2009

⁶ Gomide, 2009

um conjunto de medidas contidas no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) que inclui um diagnóstico sobre o ensino público e ações com foco na formação do professor. Ao todo, são 54 programas. Dentre eles destaca-se o IDEP, o plano de metas todos pela educação, a Provinha Brasil, o Fundeb, a instalação de computadores em todas as escolas, o aumento do piso salarial e universidade para o professor, mais creches, ensino profissionalizante, ensino superior e alfabetização de jovens e adultos.⁷

A participação do setor privado na educação também tem feito parte da realidade de muitas escolas brasileiras. Um dos principais indicadores é o estudo do IPEA de 2006 que mostra que, em 2004, 600 mil empresas aplicaram juntas 4,7 bilhões de reais em ações sociais sendo 25% desse valor destinado para a educação. Atualmente, há mais de 19 mil instituições, entre ONGs e fundações privadas, atuando pela melhoria da qualidade da educação no país, segundo o IBGE.⁸

Cristóvão Buarque, quando questionado se estas seriam a saída para a educação responde:

A saída é todo mundo ter uma escola de qualidade igual. (...) A solução é uma escola pública boa, gratuita, de qualidade e igual para todos. Aí acaba a necessidade de cotas. Cota, Fundeb, IDEB, Provinha, tudo isso eu não sou contra, mas não resolve a questão da Educação brasileira. (Buarque apud Costa, 2009)

E ainda ressalta que o principal é que as escolas têm de ser boas. “Criança não é masoquista de ficar numa escola ruim. Escola tem de ser bonita, bem equipada e com professores competentes” afirma.

⁷ Redação educar, 2009

⁸ Cerqueira, 2009.

Logo a questão vai além do investimento ou do estabelecimento de programas, medidas e metas do governo. Quando nos deparamos com uma série de medidas como estas, é imprescindível questionarmos a nós mesmos se essas atitudes são realmente a solução para o problema educacional brasileiro. O que temos que fazer é simplesmente esperarmos alguns anos essas medidas serem colocadas em prática (se forem colocadas em prática) e pronto nossos problemas (principalmente de nós professores) estão resolvidos? Ou a questão do problema educacional brasileiro vai além de simples decisões burocráticas, políticas, econômicas? A solução deve partir somente de políticos e empresários ou deve ser pensada por aqueles que estudaram e estudam a educação e convivem na prática seus dilemas e suas contradições?

As medidas não são ruins, pelo contrário, são um grande avanço para o país, pois mostram que o governo tem percebido a necessidade de se investir em educação. Porém elas somente terão efeito se mais do que isso houver um movimento de todos que de alguma forma estão ligados com a educação de repensar a forma como ela tem sido realizada no país. Basta analisarmos a história da educação brasileira para constatar que nas últimas décadas os modelos de educação pouco mudaram de fato. A escola é chata e desinteressante. Com a globalização e conseqüentemente o fácil acesso aos meios de comunicação e a tecnologia o professor deixou de ser o detentor soberano do conhecimento. O aluno vai para a escola com um repertório muito grande de informações e vivências, ele não é mais atraído facilmente e a escola não é mais o único meio de conhecimento desta criança.

É necessário reestruturar a escola. A política pode fazer planos e estabelecer metas, mas se os educadores não repensarem a escola e buscar soluções práticas

para reestruturar a sala de aula os programas e metas do governo pouco servirão. É preciso que haja um amplo estudo das didáticas, das formas e métodos de ensino e da posição e postura daqueles que atuam na escola hoje. É preciso assumir que há demandas que a escola hoje não é capaz de cumprir, pois sua estrutura não o permite.

Nós não precisamos mais de escolas que priorizam o conhecimento isolado ao invés da transversalidade; a competição ao invés da cooperação; a quantidade ao invés da qualidade, a separação ao invés da conexão; a centralização ao invés da descentralização; a exclusão ao invés da inclusão. A escola organizada da forma que está atualmente é incapaz de incluir, pois sua própria estrutura já é exclusiva e opressora. Os alunos são excluídos e oprimidos pelo professor, as notas excluem e oprimem os alunos em relação a outros alunos, a hierarquia de séries exclui e oprime as crianças das séries anteriores em relação aos das séries posteriores, e etc... É demanda nas escolas brasileiras que os professores sejam capazes de resgatar o interesse do aluno, de introduzir as novas tecnologias de forma a possibilitar maior democracia e qualidade de ensino, que a violência na escola seja erradicada, que todos tenham acesso a educação e que a escola e os professores sejam referência para os alunos e as famílias.

A escola precisa ser transformada em um ambiente agradável, receptivo, que tenha condições mínimas de aprendizagem e que privilegie a formação do homem. E infelizmente isto não acontecerá de cima para baixo, não se não houver antes uma mudança da consciência de quem se faz presente no cotidiano escolar.

Defendo que um bom começo seria aumentar os debates entre profissionais da educação e estudantes levantando hipóteses, diagnósticos, idéias, soluções, métodos, pesquisas, e tudo mais que acrescente à construção de uma nova

concepção de educação e de gestão buscando novos métodos de ensino que ofereçam uma formação ampla e completa do homem. Acredito que o profissional da educação deve estar atualizado e compreender melhor do que ninguém as questões políticas da educação; só ele é capaz de elaborar políticas adequadas já que conhece e compreende os dilemas da escola e suas contradições.

Este trabalho tem como intenção iniciar este debate expondo uma concepção de educação muito diferente, e pode-se dizer até completamente oposta, da disposta hoje na maioria das escolas brasileiras. Faço isso não somente porque acredito neste sistema como sendo o 'ideal' e o auge da qualidade que se pode oferecer em uma escola, mas porque este rompe com os paradigmas enraizados na mente da grande maioria de professores em exercício ou recém formados que não conseguem enxergar outras formas de se fazer pedagogia se não aquela pela qual foram educados.

O objetivo deste trabalho não é impor o sistema Montessori como sendo a solução para a educação brasileira. Meu desejo maior é divulgar suas propostas para que ao menos as pessoas conheçam outras alternativas de educação e escola e saibam que é possível fazer diferente. Além disso, acredito que Maria Montessori deve ser reconhecida ao menos historicamente por ter sido capaz de enxergar e fazer diferente.

Sempre me pergunto por que tão pouco se fala de Maria Montessori? Mesmo em meio profissional e acadêmico são pouquíssimas as pessoas que a conhecem. Como pode um lugar onde tanto se discute sobre a criança, sobre a escola e sobre a educação nunca discutir as idéias desta mulher? Na Faculdade de Pedagogia da Unicamp, que é uma das mais bem conceituadas do país, ninguém estuda Montessori, ninguém fala em Montessori, ninguém conhece Montessori. Na

biblioteca encontra-se apenas 6 obras de Montessori traduzidas em português, 4 em inglês e somente 4 trabalhos acadêmicos sobre ela (sendo que destes, dois não são produções da Unicamp). O fato é que esta obra não pode ser esquecida ou permanecer obscura na história, pelo menos não pelos profissionais da educação. O objetivo deste trabalho é resgatar a história de Maria Montessori e sua obra em uma tentativa de descrevê-la de forma mais abrangente possível com o intuito de divulgar suas idéias.

Refiro-me a sistema Montessori e não a método Montessori por acreditar que a palavra método não descreve adequadamente a obra da Dra. Montessori. Falarei em sistema, pois acredito ser este mais que um método. O método está ligado a uma atitude que se deve ter com a criança enquanto que a palavra sistema evoca um movimento total de tudo o que está envolvido no processo de educação. Quando me refiro a sistema estou evocando o preparo do ambiente, a atitude do professor, a atitude da criança e as pré-concepções que regem todos esses processos dinâmicos.

Acredito que este trabalho seja importante não somente para mim, pelo meu interesse pessoal e profissional, mas para toda a comunidade acadêmica e para enriquecer esses debates sobre o destino da educação no país.

Maria Montessori propôs uma revolução educativa completa e sistemática da escola, uma reforma que pode ser muito útil para a educação mundial se for colocada em prática seguindo os princípios básicos e valorizando a figura do professor dando ênfase em uma boa formação.

Para que as idéias sejam expostas de forma clara e coerente dividi o trabalho em sete capítulos. No primeiro capítulo serão expostas algumas discussões acerca da educação nos últimos séculos. No segundo capítulo é apresentada

brevemente a história de Maria Montessori. No terceiro capítulo são descritas as principais idéias de Montessori acerca do desenvolvimento infantil. O quarto capítulo destina-se a descrever como é uma escola Montessori de ensino, seus princípios básicos, algumas considerações acerca do material e do professor que tem fundamental importância no método, a técnica das lições utilizadas para apresentar os conteúdos e ainda expõe uma tabela com as principais diferenças entre a escola Montessori e a escola regular. O quinto capítulo discute sobre a função dos pais na educação da criança. O sexto capítulo descreve como é feita a educação inclusiva na escola Montessori e o sétimo expõe o grande sonho de Maria Montessori: a aplicação do que ela chamava educação cósmica.

O trabalho inclui ainda um vídeo ilustrativo de uma sala de aula em funcionamento mostrando, na prática, como a teoria é aplicada para facilitar o entendimento desta. É importante esclarecer que tanto o vídeo quanto a apresentação teórica deste trabalho se restringirão à educação infantil de 0 a 6 anos e prioritariamente à educação de 3-6 anos devido a importância desta para a formação do indivíduo como exposto acima, podendo haver algumas citações dos outros períodos da vida.

I. Contextualização histórica

Comênio (1592 – 1657) foi o primeiro educador a valorizar a educação na infância como sendo uma tarefa educativa de muita responsabilidade, porém estabelecia que esta deveria ser função exclusiva dos pais. Ao fazer isto, Comênio, chamou a atenção para a importância da primeira infância e suas repercussões na vida do ser humano, o que na época representava um grande avanço.⁹

A revolução burguesa introduziu a necessidade de elaboração de novos métodos educacionais, adequados à nova ordem social. Nesse contexto Rousseau (1712 – 1772) teve grande destaque. Considerado uma das personalidades mais destacadas da história da Pedagogia, foi ele quem centralizou a questão da infância na educação evidenciando a necessidade de não mais considerar a criança como um adulto em miniatura, mas sim como um ser que vive em um mundo próprio e que por isso cabe ao adulto compreendê-lo. Foi o primeiro a destacar a necessidade de se enxergar a infância como um período distinto, com características peculiares, as quais precisam ser estudadas e respeitadas.¹⁰

Ainda no século XVIII, no auge da revolução francesa, Pestalozzi (1746 – 1827), influenciado por Rousseau, preocupou-se com a formação natural, buscando unir o homem à sua realidade educacional, tendo como pressuposto básico propiciar à infância a aquisição dos primeiros elementos do saber, de forma natural e intuitiva. Foi considerado um dos precursores da escola nova, pois ressaltou a importância de se psicologizar a educação e defini-la em função das necessidades do crescimento e desenvolvimento da criança.¹¹

⁹ Almeida, 2002.

¹⁰ Almeida, 2002.

¹¹ Almeida, 2002.

No século XIX, destaca-se a figura de Fröebel (1782 – 1852), que foi notadamente reconhecido pela criação dos kindergartens (jardins de infância), nos quais destacou ser importante cultivar as almas infantis e para isso o fundamental era a atividade infantil.¹²

No final do Século XIX e no decorrer do Século XX, na Europa e nos Estados Unidos, aconteceram mudanças significativas no campo educacional, como por exemplo, as escolas laicas que marcaram a ruptura do domínio da Igreja sobre a educação, reafirmando a hegemonia da burguesia liberal.¹³

Um grande movimento de renovação pedagógica denominada “movimento das escolas novas” aconteceu nesse período. Esse movimento foi resultado de toda uma mudança que já estava ocorrendo no processo produtivo, conseqüentemente, gerando mudanças sociais. Essas, por sua vez, exigiam a criação de um novo sistema de instrução.¹⁴

A Escola Nova engloba toda a variedade de plano e de experiências em que se introduziram idéias e técnicas novas onde a psicologia começou a ter grande influência.¹⁵

Destacam-se neste período algumas figuras importantes tais como: Decroly (1871 – 1932) em que sua proposta de trabalho está alicerçada nas atividades da criança tanto individuais quanto coletivas, sustentadas em princípios da psicologia. Sua preocupação era de substituir o ensino formalista por uma educação voltada aos interesses e necessidades da criança. E para isso propôs que a criança deveria

¹² Almeida, 2002.

¹³ Almeida, 2002.

¹⁴ Almeida, 2002.

¹⁵ Almeida, 2002.

conhecer primeiro a si mesmo e depois o seu meio, e que isto deveria ser feito a partir de centros de interesse.¹⁶

Dewey (1859 – 1952) foi considerado um dos mais importantes teóricos da educação americana. Considerava que o método científico deveria subsidiar o trabalho em sala de aula, de forma que o conhecimento fosse trabalhado experimentalmente, partindo do princípio de que o caminho mais viável para aprender é o fazer.¹⁷

Ainda neste período destaca-se a figura de Maria Montessori (1870 – 1952). Para discutirmos um pouco sobre o seu trabalho temos que contextualizar um pouco mais a época em que viveu.

As últimas décadas do século XIX, na Itália, como em toda a Europa, foi um período de rápido crescimento urbano e industrial. Atraídos pela idéia de trabalhar nas novas fábricas, os italianos afluíram para as cidades. O excesso de mão de obra conciliado com o interesse em lucros dos donos das fábricas geraram como recompensa a essas pessoas salários baixos, péssimas condições de trabalho e de moradia e trabalho extenuante. Enquanto os pais estavam nas fábricas e os irmãos mais velhos nas escolas, as crianças entre 3 e 6 anos de idade ficavam fora de casa, perambulando pelas ruas até o anoitecer.¹⁸

As idéias destacadas acima, desses filósofos e educadores, eram pouco difundidas e menos ainda aplicadas. Naquela época quase não haviam escolas para a educação infantil e quando haviam eram espaços pequenos, com alguns brinquedos, pouca atividade e alguém para supervisionar as crianças sem a idéia de educá-las ou instruí-las. Maria Montessori, comovida com essa situação, após realizar longos estudos inspirada nestes principais teóricos (principalmente em

¹⁶ Almeida, 2002.

¹⁷ Almeida, 2002.

¹⁸ Polland, 1990.

Rousseau) e no trabalho realizado com crianças deficientes no hospital psiquiátrico, resolveu acolher essas crianças, criando em 1907 a primeira Casa Dei Bambini, em São Lourenço, um bairro pobre da Itália. Com isso ela deu um novo sentido à vida daquelas crianças, e mais do que isso fez descobertas importantes acerca da criança.¹⁹

Sua pedagogia se insere no movimento da escola nova porque se opõe aos métodos tradicionais de ensino e educação. Ocupou papel de destaque neste movimento devido as novas técnicas que apresentou para os jardins de infância e para as primeiras séries do ensino formal. Foi através de estudos amparados na psicologia e na observação direta da criança que ela encontrou meios de propiciá-las um ambiente que lhes possibilitaria se desenvolver da melhor forma possível. Sua importância destaca-se ainda pelo fato de ter conseguido atribuir à prática tudo o que há séculos os filósofos, educadores, biólogos e cientistas destacavam como importantes para a criança. E mais, ofereceu isto a todas as crianças começando pelas mais necessitadas dos bairros pobres da Itália.

Destaco ainda que o grande mérito de Maria Montessori foi que ela não somente deu vida às teorias que já existiam transformando-as em uma prática real, mas as integrou de forma a elaborar uma nova concepção de primeira infância, de criança e de homem. Muito além da criação de uma teoria ela foi capaz de dar voz, ouvidos, trabalho e ação as crianças possibilitando um melhor desenvolvimento e o despertar de uma alegria nunca antes vista na criança.²⁰

Suas técnicas e materiais são ainda hoje muito usados, principalmente em salas de educação infantil e fundamental, mas raramente se encontra, hoje, no Brasil, uma escola que possa ser realmente definida como uma escola Montessori,

¹⁹ Polland, 1990.

²⁰ Almeida, 2002.

pois a estrutura, a dinâmica de sala e a filosofia da criança não são mais as mesmas.

É importante destacar que apesar de poucas escolas aplicarem o sistema hoje, no Brasil, e mais de um século ter se passado desde a criação da primeira Casa dei Bambini, o sistema permanece ainda muito atual quando analisamos as necessidades da realidade educacional brasileira. É impressionante notar a similaridade dos problemas e dificuldades enfrentados pelo professor descritos por Maria Montessori e que ainda hoje atingem a maioria das escolas. Podemos citar como exemplo, a indisciplina nas salas de aula, a falta de movimento que ocasionam dores e problemas de postura, a falta de autonomia e liberdade que aprisiona as crianças e as transformam em indivíduos não críticos, a falta de interesse pelos conteúdos, o abismo existente entre prática e teoria, a falta de habilidade com as atividades manuais; e claro, o tema mais discutido atualmente: a dificuldade de se estabelecer de fato uma inclusão real nas salas de aula.

Há ainda uma infinidade de assuntos que fazem parte das rodas de discussão de educadores de todo o país buscando possíveis soluções para estas questões que, a meu ver, já foram solucionadas há cem anos, mas que devido a uma má difusão do sistema Montessori no país pouco se pôde de fato aproveitar. Não estou afirmando que estas questões não precisam ser repensadas e contextualizadas a realidade atual, mas sim que nós não podemos descartar as descobertas de Maria Montessori em função de este ter sido criado há cem anos.

Outros educadores continuaram repensando a educação. Pode-se destacar dentre eles a figura de Freinet (1896 – 1966), Piaget (1896 – 1980) e Vygotsky (1896 – 1934) que trouxeram importantes contribuições e que de certa forma não se

contrapõem a educação Montessori. Inclusive, cabe acrescentar que Piaget foi o primeiro presidente da Associação Montessori na Suíça.

II. Maria Montessori, quem foi essa mulher?

Considero de extrema importância que ao se estudar um sistema de ensino se estude também quem esteve por trás deste. Quem foi a pessoa que o criou? Como o fez? A partir de quais constatações? Que sonhos, pensamentos, inquietações afligiam essa pessoa? O que a fez ver coisas tão diferentes daqueles que conviviam a mesma época que ela? Esse capítulo se destina a isto.

Maria Montessori nasceu em Chiravalle, no leste da Itália, em 31 de agosto de 1870. Seu pai, Alessandro Montessori, era militar condecorado por sua bravura e descendente de uma família nobre de Bologna. Homem antiquado e de temperamento conservador. Renilde Stoppani, sua mãe, era bem educada, muito estudiosa, patriota fervorosa e a favor da liberdade e união da Itália. Ofereceu a Maria Montessori um relacionamento de muito afeto e compreensão.²¹

A infância de Maria Montessori transcorreu sem grandes incidentes, fazendo seus primeiros estudos na escola pública. Aos dez anos, Maria, esteve muito doente. Os médicos alertaram seus pais para que esperassem o pior, mas ela disse a sua mãe: “Não se preocupe... eu não posso morrer; tenho muito que fazer.”²²

Quando completou doze anos, seus pais se mudaram para Roma com o intuito de possibilitar a sua única filha uma educação melhor.²³

Em 1884, Montessori iniciou o curso secundário no Instituto Técnico Leonardo Da Vinci, onde demonstrou grande interesse por matemática apesar de as aulas serem um tédio. Passou nos exames com notas altas e, em 1887, entrou para

²¹ Almeida, s/d.

²² Almeida, s/d.

²³ Almeida, s/d.

a escola técnica para estudar engenharia, que nesta época era somente freqüentada por meninos.²⁴

A única carreira que era permitida às mulheres naquela época, era a de ser professora, e era isso que seus pais desejavam que Maria se tornasse. Além disso, Maria era uma jovem muito atraente, e os pais esperavam vê-la “bem casada”. Este foi um período de grande atrito entre Maria e seu pai. Os dois tinham idéias bem diferentes quanto ao seu futuro, e essas idéias eram inconciliáveis. Foi só quando ela passou a falar em público e tornar-se conhecida que Alessandro e Maria resolveram suas diferenças.²⁵

Em 1890, Maria obteve licenciatura na cadeira de fisico-matemática, e em 1892 diplomou-se em ciências naturais pela Faculdade de Ciências Físicas, Matemáticas e Naturais da Universidade de Roma. Neste mesmo ano decidiu estudar Medicina também na Universidade de Roma enfrentando para isso o diretor, os professores, colegas, seu pai, a sociedade como um todo, pois nunca antes uma mulher Italiana havia ingressado em um curso de Medicina e poucas eram as mulheres médicas no mundo.²⁶

Durante a faculdade de Medicina, Maria enfrentou muitos problemas e preconceitos. Não havia banheiros femininos na faculdade, ela não podia sentar-se junto aos rapazes, e estes assobiavam e lhes dirigiam comentários grosseiros ao passar por ela nos corredores. Balançavam sua mesa enquanto escrevia, riam e frequentemente interrompiam quando ela fazia uma pergunta. Nunca a deixavam participar das discussões. Além disso, a direção da faculdade não permitia que ela fizesse a dissecação dos órgãos e do corpo humano junto com os colegas do sexo masculino, logo ela fazia o trabalho de laboratório à noite, depois de que todos já

²⁴ Almeida, s/d.

²⁵ Polland, 1990.

²⁶ Almeida, s/d.

estivessem ido embora. Desde essa época Maria iniciou uma grande luta, que a acompanhou por toda a sua vida, a luta pelos direitos das mulheres.²⁷

Em 1896, foi convidada para representar a mulher italiana no Congresso Internacional para os direitos Femininos, em Berlim, na Alemanha.²⁸

Nesta época, por causa de seus discursos sobre a luta dos direitos da mulher, Maria já era conhecida pelos repórteres que queriam entrevistá-la e fotografá-la. Porém ela pouco se importava com o que escreviam sobre ela e escreveu para seus pais dizendo que deixaria o sucesso alcançado e se devotaria ao trabalho sério.²⁹

Em 1898, depois de muitos sacrifícios e dificuldades tornou-se a primeira mulher da Itália com diploma em medicina. Em 1899, foi indicada médica assistente da clínica psiquiátrica da Universidade de Roma e passou a se interessar pelas crianças deficientes que na época eram consideradas loucas. Foi nesta época também que começou seu grande interesse pelos trabalhos de Itard^a, Séguin^b e Froebel^c, homens que percorreram a linha de Rousseau.³⁰

Inspirada principalmente pelas observações de Séguin, Montessori criou inúmeros materiais, além de utilizar os próprios criados por ele, para trabalhar com suas crianças. O sucesso foi tão grande que algumas crianças deficientes aprenderam a ler e escrever tão bem que foram aprovadas no teste do estado para crianças não deficientes, que é realizado para avaliar em que nível educacional as crianças se encontram e para verificar o próprio ensino da rede pública.³¹

Esse sucesso fez Maria Montessori pensar em o que poderia haver de errado na educação das crianças não deficientes que eram reprovadas neste tipo de

²⁷ Polland, 1990.

²⁸ Polland, 1990.

²⁹ Polland, 1990.

³⁰ Almeida, s/d.

³¹ Guimarães, 1999.

teste enquanto que seus alunos tidos como loucos foram aprovados. Passou a acreditar que se desenvolvesse um método similar com o que havia aplicado nas crianças com deficiência, conseguiria trazer êxito na aprendizagem das crianças que não foram aprovados no teste do Estado.³²

Maria tinha uma energia excepcional. Além do trabalho de período integral na instituição para doentes mentais, desenvolvia seu próprio trabalho de estudo e pesquisa, mantinha seu consultório médico (onde atendia principalmente mulheres e crianças), era membro ativo na recém formada Liga Nacional para a Educação de Crianças Retardadas e ainda tinha tempo para dar palestras sobre esses assuntos e sobre o feminismo.³³

Nessa época, Maria começou a viajar bastante para outros países. Viajar era uma aventura. Era fato inaudito que uma mulher jovem viajasse sozinha, ainda mais para dar uma conferência. Mas Maria estava estabelecendo o padrão que seguiria até o fim da vida: o de estar sempre disposta a conhecer novos lugares e pessoas e descobrir o que acontecia no mundo.³⁴

Em 1898, declarou em um Congresso para professores que as crianças especiais precisam mais de professores do que de médicos.³⁵

Em 1900, fez parte de outro congresso em Londres, no qual atacou as práticas de contratar crianças em minas na Sicília, dando apoio à defesa da exploração de crianças no trabalho. Neste mesmo ano foi nomeada médica-interna do Hospital San Giovanni em Roma, e regeu, até 1904, a cadeira de Antropologia Pedagógica e Higiene no Instituto Superior de Magistério Feminino em Roma.³⁶

³² Guimarães, 1999.

³³ Polland, 1990.

³⁴ Polland, 1990.

³⁵ Almeida, s/d.

³⁶ Almeida, s/d.

Em 1902, participou do II Congresso Pedagógico de Napoli e foi admitida, por intermédio do Ministro de Educação Pública, no 3º ano de Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Roma e obteve livre docência em Antropologia. Permaneceu na Universidade de Roma ministrando palestras até 1916 juntamente com o trabalho na educação infantil.³⁷

Porém, a vida de Montessori não era só trabalho. Um de seus professores na escola para crianças deficientes mentais era o Dr. Giuseppe Montessano, e os dois se apaixonaram. Maria nunca falou em público sobre isso, somente a família e os amigos mais próximos sabiam. Sabe-se, contudo, que em algum momento entre 1898 e 1901 ela teve um filho, Mario Montessori. Naquela época era uma grande vergonha para uma mulher ser mãe solteira.³⁸

Por algum motivo, Giuseppe não se casou com Maria, mas sim, mais tarde com outra mulher. O nascimento de Mario manteve-se em completo segredo, e ainda bebê foi enviado para morar com uma família no campo, para ser criado como um de seus filhos. O menino já era adolescente quando soube quem era sua mãe verdadeira.³⁹

Em 1907, baseada em todas as suas experiências anteriores e nos estudos profundos sobre a criança Maria fundou a primeira Casa Dei Bambini em San Lorenzo. Uma escola para sessenta crianças extremamente pobres que não teriam a oportunidades de estudar se não fosse a escola de Montessori que a definia desta maneira:

Nossa escola era uma casa para a criança, ao invés de uma escola de verdade. Preparamos um lugar para as crianças onde uma cultura diferente pudesse ser assimilada ao

³⁷ Almeida, s/d.

³⁸ Polland, 1990.

³⁹ Polland, 1990.

meio ambiente, sem nenhuma necessidade para instrução direta. (Montessori, 1967 apud Guimarães, 1999 pág.11)

Depois de três meses da criação da primeira Casa Dei Bambini deu-se início a multiplicação das casas da criança pelo mundo afora devido aos ótimos resultados obtidos em São Lourenço. Em 1908, foi aberta a terceira Casa em Milão, e, em 1909, surgiu a quarta em Roma. Em 1909, seu trabalho havia deixado de ser apenas uma série de experiências em educação para tornar-se um movimento.⁴⁰

Jornais e revistas divulgam o ocorrido e a notícia se espalha para vários países como EUA e Inglaterra. Estrangeiros vinham de longe visitar as escolas para saber como funcionavam. Todos queriam testemunhar o milagre das Casas Dei Bambini.⁴¹

Ainda em 1909, Montessori deu o primeiro curso de Pedagogia Científica na cidade de Castelo. Assim iniciou o trabalho de divulgação de suas descobertas que seguiram por toda a sua vida.⁴²

Entre 1911 e 1914, Maria Montessori começou a experimentar o sistema Montessori em todas as classes da escola primária e obteve os mesmos bons resultados que na 1ª Casa Dei Bambini.⁴³

Enquanto isso, sua popularidade aumentava cada vez mais e ela era chamada para dar palestras e abrir novas Casas das Crianças. Foi então que decidiu deixar de lado todos os outros trabalhos (consultório e aulas na Universidade de Roma e em um colégio militar) para se concentrar na construção e difusão do seu próprio sistema de ensino e no movimento Montessori. Ela treinou muitos

⁴⁰ Almeida, s/d.

⁴¹ Almeida, s/d.

⁴² Almeida, s/d.

⁴³ Almeida, s/d.

seguidores, que se espalharam pelo continente Europeu e depois pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos. ⁴⁴

Em 1911, o sistema criado por ela tornou-se oficial nas escolas públicas da Itália e da Suíça. Escolas Montessori estavam sendo implantadas no México, Índia, China, Coréia, Argentina e Havaí. Tanto países ricos como pobres queriam que seus filhos aprendessem pelo sistema Montessori. O movimento havia se tornado mundial. ⁴⁵

Em 1912, eram mais de cem escolas Montessori nos Estados Unidos. Porém nem todas eram dirigidas por pessoas que tiveram o treinamento direto de Montessori e muitas dessas escolas pouco pareciam com as Casas da Criança. Podiam estar baseadas em suas teorias, mas ignoravam por completo aspectos do trabalho de pesquisa meticoloso de Maria Montessori. Isso a irritou e com razão. Essas escolas estavam trazendo má reputação a seu sistema. ⁴⁶

Nos Estados Unidos, todo tipo de gente – donos de escolas particulares, editores de jornais, revistas e livros, fabricantes de brinquedos e até cineastas - usavam o nome de Montessori. ⁴⁷

Então em 1913, ela tomou um navio para Nova York, com objetivo de recuperar o seu nome. Ela falou em NY, Washington, Boston, Pittsburgh, Chicago, entre outras cidades e neste mesmo ano fundou a American Montessori Society. ⁴⁸

A partir de 1915, passou a viajar pelo mundo divulgando seu método e ministrando cursos para professores. ⁴⁹

⁴⁴ Polland, 1990.

⁴⁵ Polland, 1990.

⁴⁶ Polland, 1990.

⁴⁷ Polland, 1990.

⁴⁸ Polland, 1990.

⁴⁹ Almeida, s/d.

Em 1917, recebeu uma carta de Freud mostrando seu reconhecimento pelo seu trabalho em que dizia:

Eu fiquei muito emocionado quando recebi uma carta sua. Como qualquer um que lide com os estudos da psiquê da criança, eu estou muito sensibilizado com seus esforços, os quais mostram amor e também conhecimento do homem, e, minha filha, que é uma analista pedagógica considera-se como uma de suas seguidoras. Eu ficarei muito envaidecido ao assinar meu nome perto do seu para apelarmos para a fundação de um pequeno instituto planejado por Mr. Schaxl. A posição que meu nome pode repercutir na opinião pública, pode ser poderosa pelo brilho que vem de você. Sinceramente, Freud." (Almeida, s/d, pág. 20)

Em 1918, recebe uma carta do Papa Benedictum XV, com benção apostólica, desejando bons resultados ao Método da Pedagogia Científica.⁵⁰

Embora fosse uma conferencista espirituosa e bem humorada, ela não gostava de críticas sem base e preferia que seus alunos discutissem construtivamente com ela. O resultado foi que os membros do movimento Montessori aceitavam tudo o que ela dizia e a veneravam. Este círculo íntimo de admiradores a chamavam de mammolina (mãezinha querida) e para todos os outros ela era La Dottora (a doutora). Maria reforçava sua posição como líder do movimento dizendo que somente pessoas treinadas por ela mesma estavam aptas para ser professoras Montessori autênticos e afirmava que o método somente podia ser ensinado ao pé da letra ou deixado de lado.⁵¹ Elise Braum Barnett, uma das discípulas de Montessori na década de 20 disse:

Ela tinha uma personalidade fantástica. Quando estava em um lugar não se percebia mais ninguém. Parecia muito maternal, muito gentil. Tinha belos olhos escuros. Nós a amávamos e respeitávamos. Para nós ela estava próximo de Deus. Era vaidosa e isso nos divertia, mas a amávamos também por isso. (Polland, 1990, pág. 51)

Maria, em 1951, advertindo seus discípulos disse:

⁵⁰ Almeida, s/d.

⁵¹ Polland, 1990.

Já notaram o que acontece quando tentamos apontar alguma coisa para um cachorro? Ele não olha para a direção em que apontamos, mas para o braço e o dedo esticado. Não posso deixar de pensar que vocês agem de certa forma de modo similar quando me dão tanta importância. (...) A maior honra e a gratidão mais profunda que me podem oferecer é voltar a sua atenção de mim para a direção que estou apontando: para a criança. (Polland, 1990, pág. 51)

No período de 1919 a 1934, mais do que nunca Maria Montessori viajava o mundo oferecendo uma série de cursos, palestras, participando de conferências e congressos acerca do sistema Montessori e das questões educacionais.⁵²

Em 1921, a Itália tornou-se fascista e Mussolini declarou que na Itália haviam três grandes “Ms” (emes): Mussolini, Marconi^d e Montessori.⁵³

Em 1923, após vivenciar o período da 1ª Guerra Mundial, ela refletiu sobre a influencia do adulto na criança e viu a necessidade de se criar a escola para pais e de se estabelecer uma educação para paz.⁵⁴

Em 1927, Maria Montessori fundou a sociedade Montessori da Argentina, único país da América Latina visitado por ela, e em 1929 seu filho, Mario Montessori, fundou a Associação Internacional Montessori. Nesta década, Mario tornou-se seu assistente, mas ela ainda não se sentia pronta para apresentá-lo como seu filho e dizia que era seu sobrinho. Mario só foi reconhecido como seu filho depois da morte de Maria Montessori quando foi lido seu testamento e ele assumiu a liderança do Movimento Montessori.⁵⁵

Em 1930, Maria Montessori encontrou-se com Mahatma Gandhi, grande admirador seu, em uma conferência.⁵⁶

⁵² Almeida, s/d.

⁵³ Almeida, s/d.

⁵⁴ Almeida, s/d.

⁵⁵ Polland, 1990.

⁵⁶ Almeida, s/d.

No IV Congresso Internacional Montessori em Roma, em 1934, Maria Montessori posicionou-se contra o fascismo e o governo, ofendido com a colocação, mandou fechar todas as escolas Montessorianas da Itália e deteve o filho de Montessori, Mario Montessori, na prisão política. Ela fugiu mudando-se para Barcelona. Porém, com a guerra civil na Espanha, em 1935, Montessori retirou-se de lá em um barco que o rei Jorge VI enviou para retirá-la e foi para a Inglaterra onde passou a empenhar-se para promover a educação para paz. Neste mesmo ano seu sistema foi proibido na Alemanha nazista.⁵⁷

Em 1939, foi para a Índia convidada pela sociedade Teosófica e permaneceu lá por sete anos devido à 2ª guerra mundial. Em 1940, no seu 70º aniversário recebeu uma carta do vice rei da Índia que dizia: “Pensamos no melhor presente para dar-lhe no seu aniversário; achamos que seria devolver-lhe o seu filho”.⁵⁸

Em 1943, em Kodaikanal ministrou cursos para a preparação de professores e anunciou seu plano de educação cósmica.⁵⁹

Até o fim da sua vida, ao lado de seu filho, continuou viajando, divulgando seu sistema, ministrando cursos e palestras pelo mundo e escrevendo muitos livros sobre suas experiências. Ao longo de sua vida, recebeu muitas condecorações pelo seu trabalho.⁶⁰

Morreu em 6 de maio de 1952, com 81 anos, completamente lúcida, planejando uma viagem para a África. Deixou uma história de coragem, avanços, conquistas e novas perspectivas para a educação, para a concepção de criança, para a criança deficiente e para toda a humanidade.⁶¹

⁵⁷ Almeida, s/d.

⁵⁸ Almeida, s/d.

⁵⁹ Almeida, s/d.

⁶⁰ Almeida, s/d.

⁶¹ Almeida, s/d.

Seu túmulo encontra-se em Noordwijk, Holanda e está escrito em sua lápide:
“Peço às queridas crianças, que tudo podem, de unirem-se a mim para a construção da paz nos homens e no mundo.”⁶²

Na placa de mármore colocada no mausoléu da família Montessori no cemitério de Roma está escrito:

Maria Montessori
Chiaravalle 31 de agosto de 1870 – Noordwijk 6 maio 1952
Ilustre cientista e pedagoga que dedicou toda a sua vida à reestruturação e ao progresso espiritual da humanidade através da criança.
Repousa no Cemitério Católico de Noordwijk (Holanda) longe da sua pátria que ela profundamente amou, longe de seus caros aqui sepultados.
Isto ela decidiu, para dar testemunho da universalidade do seu trabalho, que a fez cidadã do mundo. (Almeida, s/d, pág. 37)

Em janeiro de 2007, o mundo inteiro celebrou o centenário da primeira Casa Dei Bambini.

Pode-se dizer, com certeza, que Maria Montessori foi uma mulher à frente de seu tempo.

⁶² Almeida, s/d.

III. A descoberta da criança

Maria Montessori não somente elaborou um sistema de ensino, mais do que isso ela deu chances a criança para que ela se mostrasse como é. Descobriu uma nova criança e, junto com isso, um novo homem e uma nova concepção de infância.

Na época em que Maria vivia não era dado valor a criança, principalmente ao recém nascido. O potencial da criança não era reconhecido e pouco valor era dado as suas conquistas já que pensavam nela como sendo apenas um ser que chora, come, dorme e observa o mundo a sua volta. Mas Montessori soube ir além desta compreensão e, ao observar a criança, foi uma das primeiras a perceber e proclamar as grandes conquistas desses pequeninos principalmente nos primeiros três anos de vida.

Ela notou que aquela criança que aparentemente não tinha qualquer capacidade ou independência se transformava em pouco mais de dois, três anos em um ser que se comunica perfeitamente com uma gramática quase perfeita, que se movimenta, adquire as características de sua própria cultura. Notou ainda que é neste período que ela estrutura sua psique. Notou enfim que em poucos anos a criança é capaz de adquirir habilidades que no seu nascimento eram inimagináveis, coisa que nenhum adulto pode fazer. Como pode um ser tão frágil e delicado se transformar tão rapidamente e tão perfeitamente? Um adulto jamais seria capaz de adquirir tantas habilidades em tão pouco tempo. Basta pensarmos na aprendizagem de uma outra língua, nenhum adulto consegue aprender outra língua tão rapidamente e de uma forma tão perfeita quanto uma criança. O adulto até

consegue aprender, porém o faz com muita dificuldade e o sotaque permanecerá para sempre.⁶³

Além disso, Montessori percebeu que a criança tem sua própria dinâmica e destacava, assim como Rosseau, que a criança está longe de ser um adulto em miniatura. Foi esse o erro que muitas pessoas haviam cometido até ali. Querer aplicar na criança o que é aplicável ao adulto. Isto gerou a concepção, que até hoje ainda existe na mentalidade de alguns adultos e que ainda vigora em algumas creches e escolas infantis atuais, de que a criança é um ser frágil, que nada sabe, que possui poucas habilidades, que necessita de atenção e ajuda o tempo todo e que nada pode realizar sozinha. Nas observações de Maria Montessori, ela descobriu uma criança muito diferente desta descrita acima e pôde obter ótimos resultados quando possibilitou a elas liberdade e trabalho.⁶⁴

Ela acreditava que o homem tem duas fases embrionárias. Uma pré-natal e outra pós-natal. Na fase pós-natal ela não somente adquire as características do homem, mas também constrói condições para se adaptar ao mundo ao seu redor. É nesta fase, que a criança desenvolve sua psique, e é até os 3 anos que a criança estabelece as bases para a formação de sua personalidade.⁶⁵

Maria Montessori dividiu a vida humana em quatro planos de desenvolvimento. O primeiro vai do nascimento aos 6 anos de idade e é dividido em dois subestágios. O primeiro subestágio vai do nascimento aos 3 anos de idade, em que acreditava que o adulto não exerce uma influência direta na mente da criança sendo esta mais influenciada pelos seus impulsos internos.⁶⁶ O segundo subestágio vai dos 3 aos 6 anos, e neste período a criança passa a receber mais influência do

⁶³ Montessori, 1948.

⁶⁴ Montessori, 1948.

⁶⁵ Guimarães, 1999.

⁶⁶ Montessori Jr., 1987.

adulto se tornando mais suscetível a ele.⁶⁷ Neste período há uma elaboração mais consciente e enriquecedora do que a anterior do meio externo. A mente é a mesma, mas a criança está mais suscetível a influência do adulto com relação à aprendizagem.⁶⁸

No primeiro período esta influencia é principalmente o resultado dos mecanismos inconscientes desencadeados pelo desenvolvimento emocional da criança, que, em troca, fica dependendo dos adultos que cuidam dela. Introjeção, imitação e identificação são de particular importância na formação dos modelos de comportamento e no processo de aculturação. (Montessori Jr., 1987, pág. 31)

O segundo estágio vai dos 6 anos aos 12 anos de idade e também é subdividido em dois estágios. O primeiro dos 6 aos 9 e o segundo dos 9 aos 12 anos.

A criança nesta fase passa por um período de calma e felicidade. Sua mente está em um estado saudável, forte e de grande estabilidade.⁶⁹ Nesta fase esse processo descrito no estágio anterior continua, mas os adultos são assimilados conscientemente pela criança como fonte de informação referencial para o comportamento social e cultural. Neste período a criança busca nos adultos as respostas para suas dúvidas. Se não for rejeitada será grata, terá confiança e respeito pelos adultos, e os entenderá como sendo capazes de ajudá-la a se orientar no mundo.⁷⁰

O terceiro estágio vai dos 12 anos aos 18 anos de idade, que também são subdivididos em dois estágios. O primeiro dos 12 aos 15 anos e o segundo dos 15 aos 18 anos.⁷¹

O quarto estágio vai dos 18 aos 24 anos de idade.

⁶⁷ Guimarães, 1999.

⁶⁸ Montessori Jr., 1987.

⁶⁹ Guimarães, 1999.

⁷⁰ Montessori Jr., 1987.

⁷¹ Guimarães, 1999.

Durante esses estágios a criança vai conquistando sua independência. Quando nasce, a criança deixa de depender diretamente do corpo da mãe para viver. Depois passa a ser independente do leite que sua mãe o amamentava. Passa a andar e falar por conta própria, e assim por diante, conquistando passo a passo a sua independência. Essa independência é uma necessidade da criança para garantir sua felicidade. Uma criança que não tenha esse desejo de independência, ao invés de felicidade em estar no meio em que vive, passa a ter medo deste. (Montessori, 1967 apud Guimarães, 1999, pág.16)

Segundo Maria Montessori, na Pedagogia Montessori, a criança, o jovem, desenvolve-se dentro de “Quatro Planos de Desenvolvimento”: São eles: ⁷²

1º Plano: 0 a 6 anos: “Ajuda-me a agir por mim mesma.” Período de aquisição: autonomia, responsabilidade.

2º Plano: 6 a 12 anos: “Ajuda-me a pensar por mim mesma.” Período de aplicação: imaginação, criatividade, cultura, conhecimento do concreto ao abstrato.

3º Plano: 12 a 18 anos: “Ajuda-me a pensar contigo.” 2º Período de aquisição e aplicação: “renascimento”, grupo, sociedade, educação cósmica, construção prática do conhecimento abstrato voltado ao trabalho.

4º Plano: 18 a 24 anos: “Ajuda-me a pensar em ti.” Período de aplicação profissional: ética, valores, solidariedade, missão cósmica, visão ecológica para si e para o todo, uso do conhecimento como construção pessoal e de seu núcleo familiar.

Montessori observou que até os 6 anos de idade a criança tem um interesse muito grande em compreender o que acontece a sua volta, pois é nesta busca de compreensão e na busca de se estabelecer uma lógica de como tudo funciona que ela é capaz estruturar a sua mente e consegue se adaptar ao meio social e cultural em que vive. Observou que por causa desta necessidade de compreender o mundo para se estruturar como um ser biopsicossocial a criança tem uma capacidade muito maior do que o adulto de aprender qualquer coisa a que esteja exposta. Ela dizia, por isso, que a criança tem uma “mente absorvente”, que como uma esponja ela

⁷² Almeida, 2009

absorve coisas do ambiente e é capaz de aprender muito mais em menos tempo e com maior facilidade que o adulto. Os mínimos detalhes, os mais variados nomes, objetos e atividades. Tudo isso pode ser facilmente aprendidos nesta faixa etária. Depois desta idade a criança 'perde' essa habilidade o que diminui o seu interesse e dificulta a aprendizagem das coisas.⁷³

As crianças tornam-se como as coisas que amam. Descobriu-se que existe em cada tipo de vida este poder de absorver o ambiente e de transformar-se em harmonia com ele (...) A criança não olha para as coisas como nós olhamos. Nós podemos, olhando para uma coisa, exclamar: Como é bela!, e em seguida passarmos a ver outras coisas, conservando delas, apenas, uma vaga memória. Mas a criança constrói-se a si mesma por meio das profundas impressões das coisas que recebe, especialmente no primeiro período de vida. Na infância, em virtude só das forças infantis, a criança adquire as características que a distinguem como a linguagem, a religião, o caráter, etc. Neste ambiente é feliz e desenvolve-se absorvendo-lhe os hábitos, a linguagem. (...) Devemos, portanto, perguntar-nos que fazer e que ambiente preparar à criança para lhe servir de ajuda. (...) o ambiente da criança deve ser o mundo, tudo que está no mundo que a rodeia. Visto que deve adquirir a fala, deverá viver entre gente que fala, pois de outro modo não se tornaria capaz de falar; se deve adquirir especiais funções psíquicas, deverá viver entre pessoas que habitualmente as exercitam. Se deve adquirir costumes e hábitos, deve viver entre pessoas que os seguem. (Montessori, 1985, pág.31)

Devido a essa capacidade, pode-se salientar que mais um grande erro cometido durante muitos anos foi o de achar que somente aos 6 ou 7 anos a criança estaria preparada e apta para entrar na escola ou para educar-se. Aliás, até hoje algumas escolas ainda pensam assim privando a criança pequena de alguns conhecimentos expondo-a somente a alguns brinquedos e atividades insignificantes, como se estivesse a espera dela atingir certa idade para poder aprender algo que muitas vezes manifesta interesse antes. Pode-se citar, por exemplo, aprender a ler e escrever, em que a alfabetização está prevista somente para a 1ª série mesmo quando a criança deseja aprender antes os professores não oferecem meios para

⁷³ Montessori, 1983.

que isso aconteça ou quando mostra um grande interesse pela matemática e o professor diz que aprenderá aqueles conceitos no ano seguinte.⁷⁴

Ficam então as seguintes questões: Com essa mente absorvente da criança imagine quantas grandes conquistas ela já fez nesses anos anteriores? Imagine quanto conhecimento ela já tem e quantos poderiam ter adquirido se tivesse sido exposta a um ambiente preparado para que ela absorvesse sua própria cultura?⁷⁵

Aos três anos a criança lançou já os alicerces da personalidade humana e tem necessidade da ajuda particular da educação escolástica. As conquistas por ela feitas são tais, que se pode dizer da criança que entra na escola aos três anos que é já homem pelas conquistas conseguidas. Os psicólogos afirmam que, se compararmos a nossa aptidão de adulto à criança, nos seriam necessário sessenta anos de duro trabalho para alcançar o que a criança alcançou nos seus três primeiros anos. (Montessori, 1985, pág. 10)

Além de ter esta “mente absorvente”, Montessori constatou que em alguns períodos da vida da criança elas se sentiam mais ou menos atraídas por um determinado estímulo. Isto é, constatou que a criança aprende também por certo impulso interno que a move para um determinado detalhe específico. Por exemplo, Montessori foi uma das primeiras a perceber e salientar o interessante processo de aquisição da linguagem, em que o bebê é atraído pelo som da voz humana, e não por qualquer som. Percebeu que quando se fala com ele, ele olha atentamente para os lábios do adulto como se estivesse fazendo um esforço para compreender o que está sendo dito e quais os movimentos necessários para isso. Notou que se pode ver em alguns momentos o bebê exercitando esses movimentos com o balbuciar e com o mexer dos lábios enquanto olha para os lábios de quem esta falando. Ficou impressionada com a facilidade com que uma criança aprende a língua materna ou qualquer outra língua a qual ela esteja exposta. Atribuiu isto devido a essa capacidade interna que move a criança a diferenciar os sons e prestar mais atenção

⁷⁴ Montessori, 1983.

⁷⁵ Montessori, 1983.

em um som do que em outro. Percebeu ainda que um bebê se sente mais atraído pela voz humana do que por outro som, como por exemplo, os de animais, de campainhas, da música,... Notou também que por mais que a criança ouvisse um determinado som, como por exemplo, de um cachorro, ela nunca saía por aí latindo ao invés de pronunciar uma palavra.⁷⁶

Interessada pelas descobertas da Biologia a respeito dos “períodos sensíveis” Montessori utilizou-se do mesmo nome e conceito para incorporar estes impulsos internos à educação. Segundo ela foi o cientista Hugo de Vries que elaborou a partir de observações o conceito dos períodos sensíveis em animais, porém foi ela quem transpôs esta idéia às crianças e as utilizou com fins educativos.⁷⁷

Trata-se de sensibilidades especiais que se observam nos seres em crescimento, isto é, nos estados infantis, e que são passageiros e se limitam à aquisição de uma determinada característica. E assim se forma cada característica com a ajuda de um impulso, de uma capacidade temporária. Por isso o crescimento não é um processo vago, facilidade inata nos seres, mas um trabalho constante escrupulosamente guiado por instintos periódicos ou transitórios que dão uma orientação porque impelem a uma atividade determinada, que às vezes difere de forma evidente da do indivíduo no estado adulto. (Montessori, 1983, pág. 43)

Sendo assim, o desenvolvimento não deve ser atribuído a uma vaga predeterminação congênita, mas, sim, aos esforços que são cuidadosamente guiados por instintos passageiros ou periódicos. (Guimarães, 1999, pág. 16)

Uma falha ao seguir esses impulsos pode significar que a criança se torne desamparada e inapta. Isto é, se não houver condições mínimas dentro do período sensível da criança dela desenvolver tais potencialidades a oportunidade de uma conquista natural se perde.⁷⁸ Como o exemplo da fala, em que é muito difícil depois de adulto aprender uma nova língua, ou podemos citar também o caso de Victor, o garoto de Aveyron, encontrado em uma floresta da França, em 1798, com

⁷⁶ Montessori, 1983.

⁷⁷ Montessori, 1983.

⁷⁸ Guimarães, 1999.

aproximadamente 10, 11 ou 12 anos, que nunca, por mais esforços aos quais foi submetido para isso, aprendeu a falar.

Além do período sensível para a aquisição da linguagem, muitos outros períodos foram observados por ela como: período sensível para ordem, para detalhes, para utilizar as mãos e para andar.⁷⁹

Montessori observou que as crianças pequenas, no primeiro e segundo ano de vida, manifestam um imenso amor à ordem. A criança não pode viver rodeada de desordem, pois isso a faz sofrer. Esse sofrimento se manifesta em desesperado pranto e agitação – que muitas vezes achamos não ter sentido algum. A criança é capaz de observar que um objeto está fora do seu lugar comum sem nem mesmo um adulto perceber isso, porque ela tem a necessidade de ordem e percebe imediatamente a desordem. Nas escolas Montessori facilmente se notam crianças de dois anos que vêem um objeto fora de lugar e correm para devolvê-lo no lugar. A ordem dá prazer a criança e a deixa calma.⁸⁰ Isto porque elas compreendem que:

A ordem nas coisas quer dizer conhecer a posição dos objetos no ambiente, recordar o lugar onde cada uma delas se encontra, o que significa orientar-se no ambiente e dominá-lo em todos os pormenores. (...) Para o adulto trata-se de um prazer externo, um bem estar mais ou menos indiferente. Mas a criança forma-se a custa do ambiente, e tal formação constitutiva não se efetua segundo uma fórmula vaga, porque exige uma orientação precisa e determinada. (Montessori, 1983, pág. 58)

Além desta ordem externa, em que a criança deseja que tudo esteja em seu lugar, há também uma ordem interna que dá sentido aos movimentos do corpo. Isto é: a criança precisa organizar seus movimentos e aperfeiçoá-los através da prática. Quando ainda é bebê e deseja pegar um objeto, muitas vezes ela faz um movimento grosseiro, bate a mão no objeto, derruba-o no chão, estica o braço e não o alcança. Porém, com o passar dos dias e meses ela vai organizando esse movimento

⁷⁹ Montessori, 1983.

⁸⁰ Montessori, 1983.

internamente e após um curto tempo é capaz de pegar o objeto sem derrubá-lo, faz um movimento mais direto, sem erros, mais coordenado.⁸¹

Há um outro período, o período para detalhes, que se prolonga até aproximadamente os 5 anos de idade, que faz com que a criança seja prodigiosamente capaz de se apropriar de imagens transformando-a em um observador que capta ativamente as imagens por meio dos sentidos. A criança é atraída pela luz, pela cor, pelo formato, pelo peso, pelos sons, pela textura, por tudo que se possa experimentar e sentir. Mas não é atraída somente para as grandes diferenças, mas para as pequenas mudanças de textura, de forma, de peso.⁸² Ela é capaz de notar detalhes que não haviam sido visto por nenhum adulto antes. Como por exemplo, um tempo atrás em que estava lendo um livro pela primeira vez para um grupo de crianças (que eu já havia lido umas 3 vezes) e quando mostrei o livro passando rapidamente pela linha dos olhos das crianças uma delas disse: Olhe uma minhoca! E realmente havia uma minhoca desenhada embaixo dos pés da personagem principal e eu não havia reparado. No mesmo livro, ainda, elas foram capazes de enxergar um carro desenhado dentro do rio no segundo plano do desenho sem que eu houvesse reparado também.

As crianças são capazes de perceber pequenas diferenças, pequenos detalhes que os adultos não mais percebem como elas. Montessori cita muitos exemplos como o do caso de um senhor que foi trocar a lâmpada da escola e duas crianças conversando olharam para o lustre e para o bocal da lâmpada e disseram: "Não cabe! A lâmpada é um pouco menor." E realmente não cabia, mas o senhor,

⁸¹ Montessori, 1983.

⁸² Montessori, 1983.

para descobrir que não cabia, teve que subir as escadas e tentar encaixar a lâmpada para assim perceber que era um pouco menor.⁸³

Outra importante atividade para a criança e que, muitas vezes, não se dá o valor devido é o uso das mãos. Todos consideram uma grande conquista quando a criança começa a falar ou andar, mas poucos dão importância à necessidade da criança de utilizar as mãos. Quando vemos uma criança carregando alguma coisa pesada logo tiramos da sua mão, como se estivéssemos fazendo um grande favor em 'ajudá-la', porém o que não percebemos é a necessidade da criança em utilizar as suas mãos, em sincronizar os seus movimentos. Se conseguíssemos agüentar a ansiedade e observar a criança deixando-a que termine sua atividade no seu tempo, sem pressa ou sem interrupções veríamos o grande sorriso que se abre no rosto da criança quando ela vê que conseguiu realizar a atividade sozinha. É uma grande alegria para a criança realizar atividades que a desafiam e que exigem dela grande habilidade.⁸⁴

O uso das mãos é uma importante aquisição da humanidade, é somente através do manejo das mãos que o homem conseguiu chegar a tal ponto de desenvolvimento. As mãos orientam o trabalho e por isso devem ser exercitadas. Até os 6 anos a criança é movida internamente para utilizar as mãos. Ela deseja carregar coisas, encaixar objetos, abotoar botões, abrir e fechar zíper, lavar as mãos sozinhas, explorar e aperfeiçoar suas habilidades. Este é o período sensível para o uso das mãos.⁸⁵

O último período sensível a ser descrito neste trabalho é o período para andar que ocorre no início do primeiro ano. A criança não desenvolve a capacidade de se deslocar ereta ficando à espera, mas, sim, andando. O primeiro passo é uma grande

⁸³ Montessori, 1983.

⁸⁴ Montessori, 1983.

⁸⁵ Montessori, 1983.

conquista, começa para criança uma nova vida. Desde esse momento é o exercício da criança que entra em jogo. A conquista do equilíbrio e da marcha segura deve-se aos esforços da criança no contínuo exercitar.⁸⁶ Um grande erro é, por medo que a criança caia, se machuque ou fique exposto a perigos, ou mesmo por não respeitar o ritmo da criança mais lento de quem se aprimora a cada movimento os pais, ou babás colocam a criança em carrinhos, chiqueirinhos ou andadores. Fazendo isso a criança não tem espaço para caminhar, para exercitar a habilidade de marcha. Sabe-se também que se a criança não andar até o fim do segundo ano torna-se cada vez mais difícil e menos natural essa aquisição de marcha.⁸⁷

Isto não quer dizer, no entanto, que o homem é um produto do meio, ou que o desenvolvimento se dá por acaso. O processo do desenvolvimento é, ao contrário, um complexo encadeamento de impulsos internos que se sucedem no decorrer da vida do indivíduo. Estes impulsos encontram-se intimamente relacionados à seqüência de maturação e desenvolvimento, bem como a realidade do meio externo. (Montessori Jr., 1987, pág. 37)

Logo, são muitos os fatores que influenciam o crescimento e amadurecimento da criança. E não podemos deixar de considerar a criança como um ser único, diferente do adulto, que possui sua própria dinâmica. É preciso observar a criança e respeitá-la permitindo que ela seja exposta a um ambiente preparado que lhe ofereça tudo o que necessita para se tornar um adulto psiquicamente estruturado. Foi isso o que Maria Montessori fez ao criar as casas da criança, um espaço onde elas teriam a oportunidade de suprir suas necessidades sem serem oprimidas, interrompidas ou desprovidas de autonomia e liberdade, pois:

Para sermos capazes de compreender as tendências da criança, com o intuito de educá-la, precisamos perceber as relações existentes entre o homem e o meio, e o modo como se dá essa adaptação. (Montessori Jr., 1987, pág. 25)

⁸⁶ Montessori, 1983.

⁸⁷ Montessori, 1983.

IV. A Casa Dei Bambini

Depois de descrever algumas importantes características das crianças e de seu desenvolvimento observadas por Maria Montessori, neste capítulo, será descrito como é, na prática, uma escola Montessori, suas características e sua função.

Quem entra em uma escola Montessori logo percebe que não há quase nada na escola que a faça parecer com uma escola regular, a qual estamos habituados no Brasil.

Para começar a sala não tem lousa, carteiras, mesa da professora ou qualquer coisa que lembre uma sala de aula. Pelo contrário, a sala é bem ampla e se assemelha muito com uma casa, porém tudo é do tamanho e na proporção da criança. Encontram-se em uma sala Montessori pequenas estantes com muitos materiais atraentes e bonitos, todos ao alcance da criança. Vasos de flores decoram o ambiente, há mesinhas nos cantos com pequenas cadeiras, tudo é leve e fácil de ser deslocado. Pequenos tapetes estão enrolados no canto da sala à disposição da criança para estendê-los no chão e fazer sua atividade.⁸⁸

Além disso, nota-se uma ampla janela com saída para um lindo jardim. Ali há muitas flores, árvores, alguns animais e até uma pequena horta. Tudo fica a cargo da criança. Elas são responsáveis por limpar, organizar, alimentar os animais, plantar, colher, lavar. Todo serviço comum a uma casa há também ali para a criança que desejar realizá-lo. Mas quem entra em uma sala Montessori e vê um ambiente tão diferente de uma sala comum imagina que as diferenças físicas são as únicas diferenças existentes entre uma escola regular e uma escola Montessori de ensino.

⁸⁸ Montessori, 1965.

⁸⁹ Porém este é um grande erro. As diferenças físicas, apesar de grandes, refletem algo totalmente diferente das escolas regulares que é a concepção de educação. ⁹⁰

A educação, hoje em dia, é rica de métodos, de intuítos e finalidades sociais, mas não menos se pode dizer que não toma em consideração a vida em si mesma. Entre os muitos métodos oficiais de educação de países diferentes, nenhum se propõe a dar assistência ao indivíduo desde o nascimento e proteger-lhes o desenvolvimento. (...) todos os que entram no mundo da educação vêm a ser isolados da sociedade. Os estudantes são obrigados a seguir as regras preestabelecidas da instituição de que são alunos e harmonizar-se com os programas recomendados pelo ministério da instrução pública. Pode dizer-se que até no mais recente passado as condições sociais e físicas dos estudantes não eram tomadas em consideração como fato que pudesse minimamente interessar a escola em si. Assim, se o estudante era desnutrido, ou se tinha defeitos de visão ou auditivos que lhes diminuam as possibilidades de aprendizagem, sem mais os classificavam com valorações inferiores. (...) Na maior parte das escolas oficiais, dirigidas pelo estado, o que importa é que o programa se cumpra. Se o espírito dos jovens universitários é ferido pelas deficiências sociais e tocado pelas questões políticas que agitam apaixonantes verdades, a palavra de ordem é que o jovem não se deve ocupar de política, deve, sim, ocupar-se de seus estudos até os concluir. (Montessori, 1985, pág. 13)

“O mundo da educação é uma espécie de ilha onde os indivíduos, separados do mundo, se preparam para a vida continuando estranhos a ela.” (Montessori, 1985, pág. 13)

Como descrito acima, a maior diferença da proposta de Montessori relacionada às outras propostas de educação, está em sua concepção do que é educação. A educação, segundo Montessori, não deve ser baseada em um programa pré-estabelecido e, muito menos, visar apenas a introdução de conteúdos.

Partindo do pressuposto de que a educação deve começar desde o nascimento, passa a ser compreendida como um ‘ajudar para a vida’. Isto é, para Montessori, a educação não se trata apenas de oferecer ao recém nascido os cuidados necessários para que ele sobreviva fisicamente, mas cuidados que façam com que ele se desenvolva psiquicamente. Além disso, para ela, a educação é função de todos a começar dos pais, partindo para os professores e para a

⁸⁹ Montessori, 1965.

⁹⁰ Montessori, 1985.

sociedade como um todo. Logo, o ato de educar é algo muito maior do que o simples oferecer conteúdos.⁹¹

Montessori encarava a educação como o meio através do qual a criança desenvolve sua personalidade até que, eventualmente, adquira maturidade e independência. (Montessori Jr., 1987, pág. 35)

Os seus materiais, muito mais do que introduzir conteúdos ou um fim determinado, como lavar a louça ou amarrar os sapatos, têm função primordial de auxiliar as crianças a desenvolver sua personalidade. Logo Maria Montessori, quando pensou na educação desta forma, deixou de olhar para o exterior, para o genérico, para os conteúdos e voltou os seus olhos para o indivíduo. Voltou seus olhos para cada uma daquelas crianças como sendo únicas e ofereceu a cada uma delas meios diferentes para que pudessem desenvolver suas potencialidades de acordo com seus interesses, respeitando suas características individuais. Fazendo isto todos os que eram excluídos passaram a ter chances iguais. Sejam eles tímidos, extrovertidos, comunicativos, reflexivos, sensitivos, intuitivos, com baixa visão ou audição, com graves dificuldades de movimento, ou não, ou qualquer outra adversidade. Todos eram capazes de permanecer em uma sala e se educar. Na sala Montessori, há espaço para todos porque ela é pensada no indivíduo e na formação de sua personalidade, no desenvolvimento saudável da sua psique e no desenvolvimento de sua independência e autonomia.⁹²

Assim a concepção montessoriana de escola não é a de quatro paredes, entre as quais as crianças são confinadas, mas a de uma casa, onde elas são os padrões. Essa idéia implica na necessidade de preparar para as crianças um mundo seu, particular, onde elas possam encontrar atividades condizentes com seu desenvolvimento físico e mental. (Montessori, 1948, pág. 18)

⁹¹ Montessori, 1985.

⁹² Montessori Jr., 1987.

Segundo Montessori, a educação deve ser uma ajuda para vida, e portanto, deve servir como um meio de apoio e orientação à criança em sua tarefa monumental de construir as fundações de sua personalidade . Três fatores determinam o curso desta construção. O primeiro é a própria 'psique' da criança, com as necessidades, potencialidades e períodos sensíveis que lhe são característicos. O segundo constitui-se no contexto cultural, com seus modelos, hábitos e padrões de comportamento, ideologias, religiões e vários outros aspectos da civilização. O equilíbrio entre esses diversos aspectos da comunidade permitirá a criança adquirir harmonia interna. O terceiro é o mundo material com todas as suas características, ao qual o homem precisa se adaptar para poder utilizar suas faculdades livremente. (Montessori Jr., 1987, pág. 38)

Logo, a escola Montessori se diferencia pela concepção de educação, pela forma de colocá-la em prática, pelas atitudes de todos aqueles que ali estão envolvidos sejam eles professores, pais, funcionários ou crianças, e pelo respeito as capacidades e potencialidades da criança.

4.1. Princípios Básicos de uma Escola Montessori

Para que a concepção de educação descrita acima seja realmente colocada em prática e não permaneça apenas na teoria, as escolas Montessori de ensino devem cumprir alguns princípios básicos. São eles:

O primeiro é ter nas salas de aula os materiais desenvolvidos por Montessori. Estes materiais são atraentes e sempre estão ao alcance das crianças. Podem ser utilizados quando e quantas vezes a criança desejar, sempre partindo de idéias concretas para gradualmente se tornarem abstratas. Visam à auto-educação e por isso controlam e reconhecem os erros, evitando assim a correção de algum adulto no processo de aprendizagem.⁹³

O segundo princípio é o de ter em uma mesma sala de aula idades variadas. As salas são estruturadas para proporcionar a interação natural e espontânea das crianças, sendo estabelecidas nas seguintes faixas etárias: 0 -3, 3 - 6, 6- 9, 9 -12, 12-15, 15-17 anos. Essa dinâmica de sala funciona, pois estão organizados assim como na sociedade em que há diferentes idades convivendo juntos. Nesta convivência todos têm a ganhar, pois os mais novos recebem muito amor e carinho dos mais velhos, que lhe ensinam desde como lavar as mãos sozinhas até como trabalhar as diversas atividades da sala de aula. Assim, os mais velhos se sentem felizes e confiantes, pois ao ensinar os mais novos percebem que são capazes de fazer muitas coisas e de ensinar os outros; enquanto, os mais novos se sentem encorajados e protegidos pelos mais velhos e buscam neles seguir seus exemplos tendo um objetivo a conquistar (ser como os mais velhos). Nota-se em uma sala Montessori ainda, que por este desejo de ser como os mais velhos, a cada

⁹³ Guimarães, 1999.

ano corrido as crianças adquirem cada vez mais novas habilidades e cada ano mais rápido.⁹⁴

O terceiro princípio é ter professores qualificados para trabalhar com esse sistema, pois, para Montessori, o educador é a conexão vital entre a criança e o ambiente preparado. Ele deve apresentar a atividade à criança (individualmente) sem resolver o problema ou ensinar todos os passos ou processo em que ela deve percorrer. O educador não é o centro da aprendizagem, a criança, sim, é o centro. O professor deve estar constantemente em alerta para a direção em que a criança está querendo trabalhar e deve buscar ativamente caminhos para ajudá-la a atingir seus objetivos.⁹⁵

Seguindo esses três princípios, a escola Montessori é capaz de desenvolver em seus alunos: senso de direção motora e organização espacial mais refinado, habilidades de iniciativa e persistência, habilidades de percepção e observação, auto-educação, imagem positiva de si, curiosidade de aprender, criatividade, interesse em leitura, em escrita, em matemática e nas demais áreas do currículo. Com o trabalho em grupo e individual, a criança aprende a dividir idéias, experiências, materiais e jogos, além de adquirir habilidade de concentração, seguir instruções, ouvir, apreciar livros, perceber melhor o mundo a sua volta, desenvolver bons hábitos de higiene, senso de ordem, sensibilidade e respeito com o próximo e consigo. Tudo isso feliz, pois aprende de maneira prazerosa e lúdica.⁹⁶

Destaca-se, dentre esses três princípios, que uma escola Montessori deve cumprir a função do material e do professor que serão discutidos nos próximos capítulos.

⁹⁴ Guimarães, 1999.

⁹⁵ Guimarães, 1999.

⁹⁶ Guimarães, 1999.

O sistema, para ser aplicado adequadamente, deve possibilitar à criança outros três princípios. São eles: a liberdade, a atividade e a individualidade.

Para que o indivíduo possa se desenvolver, é preciso que ele seja livre. Ele deve ter liberdade para se movimentar, para explorar o que há ao seu redor, para experimentar, tocar, manipular. Por isso, em uma sala Montessori, é primordial que a criança se sinta à vontade para explorar o que lhe interessa, o que lhe atrai. Por esse motivo, a liberdade é o primeiro e mais amplo princípio de Montessori.

Assim, a escola deve estar adaptada e organizada para manter a criança em plena liberdade. A criança criará por si própria a disciplina, despertada pelo interesse do trabalho escolar. Indisciplina, na visão montessoriana, é vista como doença ou atividade desinteressada. A criança disciplinada é aquela sadia e bem dirigida.⁹⁷

A consequência do princípio de liberdade é a atividade. Isto é, quando a criança pode fazer o que deseja ela sempre está em movimento, em atividade porque escolhe o que quer fazer. Não será uma criança preguiçosa, teimosa ou que não age por si própria.⁹⁸

Assim, os alunos Montessori são crianças que estão o tempo todo em sala de aula trabalhando, produzindo algo. Não se encontra em uma sala Montessori uma criança parada e sem atividade, pois ela pode escolher o que quer fazer naquele momento. O que muitas vezes acontece é que a criança fica tão concentrada na sua atividade, sentada em um canto, fazendo-a e refazendo-a por longos minutos (existem crianças que ficam mais de uma hora realizando a mesma atividade) sem ser interrompida ou interromper ninguém que às vezes nem parece estar na sala de aula.

⁹⁷ Guimarães, 1999.

⁹⁸ Guimarães, 1999.

O último princípio a ser cumprido é o da individualidade. Pois, para Montessori a educação deve ser orientada para permitir a formação da individualidade de cada criança. O homem capaz de fazer por si mesmo valoriza suas ações e conquista a si mesmo, tendo assim as ferramentas para que construa um futuro produtivo e independente.

Para que tudo isso aconteça o ambiente deve ser detalhadamente preparado e voltado para receber as crianças e para proporcioná-las um local correspondente as suas necessidades de agir. Não há nada em uma sala Montessori que não seja pensado, que não tenha uma razão de ser, uma razão de estar ali. Tudo tem o seu objetivo, sua função, seu lugar. Tudo é muito organizado.

A sala é dividida em áreas que atendem a objetivos específicos. As áreas são:

Área da vida prática onde há à disposição da criança atividades cotidianas que são subdivididas em três categorias: 1- cuidados consigo, em que a criança aprende a cuidar de si, mantendo uma boa higiene; 2- cuidados com o meio, em que a criança aprende a amar o ambiente e cuidar dele para mantê-lo sempre em ordem, limpo e bem organizado. E ainda nesta categoria ela também compreende a importância de cuidar dos animais, das plantas e da mãe natureza. E 3- os cuidados com outro, que é a chamada boa educação, em que a criança aprende a se comunicar polidamente, usando as regras de boa educação, dizendo: por favor, obrigado, licença, desculpe, etc.⁹⁹

Outra área é a sensorial onde estão dispostas para as crianças atividades que estimulem e aprimorem o desenvolvimento dos cinco sentidos (audição, visão, tato, olfato e paladar). Esta categoria também é muito utilizada para preparar a

⁹⁹ Guimarães, 1999.

criança para funções mais complexas posteriormente como a escrita, a leitura e o uso da matemática.

Tanto o material sensorial quanto os de vida prática podem preparar a criança para estas funções, pois possibilita a ela que, antes de aprender os conceitos de números ou de ter contato com as formas e nomes das letras ela já conheça muito bem e já tenha praticado bastante os conceitos de quantidade (muito, pouco, grande, pequeno, grosso, fino, maior, menor), e os movimentos finos das mãos (como o de pinça e o de fazer pequenos traços utilizando um lápis); assim se torna fácil para ela fazer o movimento das letras depois ou adquirir os conceitos matemáticos abstratos. É importante destacar que esta é uma forma simplificada e resumida de exemplificar a importância do material sensorial e do de vida prática para a aquisição da matemática e dos diferentes usos da linguagem sendo este um tema para uma monografia inteira. ¹⁰⁰

Há, ainda, as áreas referente ao currículo comum das escolas, em que estão distribuídas atividades que possibilitem a compreensão de importantes conceitos da matemática, da linguagem, da história, geografia e das ciências.

A área de artes tem materiais que a criança pode utilizar para manifestar seus dons artísticos e deixar o seu inconsciente se manifestar. Pode haver também um canto de música onde a criança será introduzida aos princípios musicais, às notas, sons e instrumentos. ¹⁰¹

Outra importante atividade da sala de aula é a chamada 'linha'. Trata-se de uma linha desenhada no chão em forma de círculo, com espessura do tamanho da planta do pé da criança. Nesta linha, realizam-se inúmeras atividades tanto de coordenação motora, onde as crianças devem andar sobre ela fazendo pequenas

¹⁰⁰ Guimarães, 1999.

¹⁰¹ Guimarães, 1999.

tarefas, como andar cruzando as pernas ou andar segurando um objeto. É onde elas se reúnem para conversar, ouvir histórias, receber instruções da professora ou realizar alguns jogos como o jogo do silêncio, onde as crianças devem tentar fazer o mínimo possível de barulho buscando ouvir tudo o que está a sua volta.

Há ainda uma outra importante característica nas salas Montessori. Enquanto as crianças realizam as atividades, toca ao fundo música clássica, em um tom apropriado, que deve dirigir o volume da voz das crianças e a leveza de seus movimentos. As crianças devem acompanhar o som da música tornando o ambiente agradável para todos.

Para Montessori, a criança deve ouvir muita música. Seu ambiente deve aperfeiçoar seus sentidos e dar a ela compreensão musical. A música na sala Montessori auxilia a criança a aprender a coordenar os movimentos dos pés, das mãos e da voz.¹⁰²

Tudo na sala deve ser muito atraente e bonito. Tudo tem uma função: as cores, as formas, o peso, o tamanho... Nada é em vão. Tudo deve ser atrativo e projetado e pensado especialmente nos pequenos. Porém, é preciso ter sempre o cuidado para que tais estímulos não interfiram na realização da atividade e nem 'poluam' o ambiente da sala, tornando-o exagerado em estímulos.

Tudo isso porque Maria Montessori acreditava que:

A criança deve dispor de um vasto campo de atividades, ter a oportunidade de novas experiências, empreender tarefas algo difíceis e sentir, assim a satisfação de um espírito audacioso que avança mais na conquista do mundo exterior".(Montessori, 1965, pág. 73)

Ela acreditava que para a criança aprender é necessário que ela esteja confortável, e por isso Montessori permitia que cada uma escolhesse uma posição

¹⁰² Guimarães, 1999.

que mais lhe agradasse, e assim lhe seria configurado um sinal de liberdade e um meio de educação. Por isso existem tapetinhos nas salas Montessori, para que a criança possa escolher onde sentar ou deitar para realizar sua atividade.

Para ela, a simplicidade e destreza dos objetos exteriores serviam para desenvolver a atividade e destreza do aluno. A disciplina deve ser ativa, pois, para ela, disciplinado é o indivíduo que é dono de si mesmo, que pode dispor de si ou seguir uma regra de vida e não aquele que permanece estático.

4.1.1. O material

Uma escola Montessori não pode ser reconhecida sem serem encontrados em suas prateleiras os materiais elaborados pela educadora. Esses materiais são frutos de seleções e de cuidadosas experiências psicológicas dos materiais utilizados por Itard e Séguin nas suas tentativas para educar crianças deficientes.

Destaca-se, ainda, a importância histórica desses materiais tendo em vista que como já descrito anteriormente na época em que Maria Montessori vivia quase não havia escolas infantis e, quando havia, não existiam materiais preparados para a criança, com algum objetivo específico, havia apenas alguns brinquedos que não tinham nenhuma função pedagógica. Portanto, Montessori foi a primeira a introduzir em escolas infantis materiais preparados com fins pedagógicos.

A maneira como estes diferentes meios foram usados pelas crianças, as reações nelas provocadas, a frequência com que usaram e, sobretudo, o desenvolvimento que possibilitaram, proporcionaram-nos a pouco e pouco critérios dignos de confiança, por eliminação, modificação e aceitação destes meios como material para as nossas escolas: cor, dimensão, forma, em suma, todas as qualidades foram estabelecidas pela experiência. (Montessori, 1948, pág. 97)

Segundo Mario Montessori Jr., fruto de muita pesquisa, como mostrado, o material Montessori não é puramente didático, e nem se constitui essencialmente de brinquedos, apesar de as crianças aprenderem e brincarem muito com eles. Quando usamos adequadamente esse material ele serve a dois objetivos principais. 1. Favorece o desenvolvimento interno da criança em sua estruturação do ego, e 2. ajuda a criança a adquirir novas perspectivas na exploração do mundo objetivo.¹⁰³

O material desafia a inteligência da criança na qual se mostra primeiro intrigada, e depois completamente absorvida na exploração e manuseio do objeto.

¹⁰³ Montessori Jr., 1987.

Ele proporciona a criança tomar consciência de certas qualidades dos objetos, suas inter-relações, formar categorias, formar e estabelecer seqüências e possibilita a criança desenvolver técnicas cada vez mais perfeitas de manuseio.¹⁰⁴

O material não transmite à criança conhecimentos prontos, e, por isso evita-se o ensino dirigido. O professor tem função de indicar/orientar o uso adequado do material para a criança pedindo a ela que em uma primeira apresentação somente observe e depois oferece o material para que a criança o utilize como desejar, desde que não o destrua ou o utilize de uma forma completamente sem propósito. A criança pode manuseá-lo quantas vezes quiser e como desejar. Observa-se na sala Montessori uma explosão de criatividade das crianças em que utilizam o material testando e experimentando de várias formas diferentes buscando verificar e obter diferentes resultados.

Segundo Mario Montessori Jr, o material torna possível que as crianças reorganizem seu conhecimento de acordo com novos princípios, o que aumenta a capacidade delas de aprender. Para ele todas as funções do ego, como percepção, pensamento, linguagem, compreensão dos objetos e coordenação de movimentos e processos de aprendizagem em geral, requerem um longo período de preparação indireta antes que apareçam como aspectos integrados da personalidade. Por isso, as crianças empreendem certas atividades que não fazem sentido para os adultos. Freqüentemente as crianças abandonam-se a estas atividades com tanta tenacidade que é muito difícil distraí-las.¹⁰⁵

O material Montessori oferece à criança símbolos e meios para interpretar seu mundo de um modo mais coerente e diversificado, estimulando seu desejo de aprender, ao tornar aprendizagem nem frustrante, nem pesada, mas uma experiência agradável. (Montessori Jr., 1987, pág. 41)

¹⁰⁴ Montessori Jr., 1987.

¹⁰⁵ Montessori Jr., 1987.

Quanto às propriedades dos materiais, eles devem ser todos muito atraentes na forma, nas cores, no peso, na dimensão, na apresentação. Devem ser dispostos nas prateleiras ao alcance da criança em uma ordem de acordo com a área (vida prática, sensorial, linguagem, etc.), do mais fácil para o mais difícil (em nível de dificuldade e complexidade), de cima para baixo, da esquerda para a direita. Esta ordem é muito importante, pois trás segurança a criança, ela conhece o local, sabe encontrar o que deseja e isso a faz sentir-se independente.

Além disso, a beleza da sala é muito importante. Quem não gosta de estar em um ambiente agradável, perfumado, bem iluminado, organizado e limpo? Para Montessori,

Não só o material, mas também todo o ambiente está assim preparado para atrair, tal como na natureza, as pétalas coloridas levam os insetos a chupar o néctar que nelas se esconde. (Montessori, 1948, pág. 101)

Assim a criança se sente motivada e atraída por tudo que está a sua volta. Tudo é interessante. Tudo é digno de ser manipulado, explorado, observado, conhecido.

Porém, uma regra da sala Montessori, é a de haver somente um material de cada por sala, assim a criança sabe que quando o material não estiver na prateleira é porque está sendo utilizado por outra pessoa e que para ela usá-lo será necessário esperar a pessoa devolvê-lo a prateleira.¹⁰⁶

Isto é de extrema importância, pois desenvolve na criança uma consciência de coletividade, e cria nele prazer na ordem e no cuidado, pois caso algo aconteça

¹⁰⁶ Montessori, 1948.

com o material não haverá outro para substituí-lo e ainda é um exercício de paciência, espera e convívio em sociedade.¹⁰⁷

Geralmente, em uma sala Montessori, as atividades são feitas individualmente embora haja algumas atividades que podem ser feitas em duplas ou em pequenos grupos. Por causa disso, o sistema recebeu muitas críticas sendo apontado como individualista. Entretanto, a educação social tem papel fundamental nas escolas Montessori. Segundo Montessori Jr, vários fatores contribuem neste tipo de educação: o papel do professor, a liberdade no trabalho, o ambiente preparado – encorajando o respeito aos outros e ao meio – a inclusão de crianças de diferentes idades no mesmo grupo e posso acrescentar ainda a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais.¹⁰⁸

O equilíbrio entre a liberdade individual e a necessidade do grupo é uma outra característica especial da educação social no método Montessori. Só se pode falar em um verdadeiro grupo quando cada um de seus membros sente-se suficientemente livre para ser ele mesmo, ao mesmo tempo que ajusta sua própria liberdade em favor do bem estar geral. É nesta busca de equilíbrio entre a independência pessoal e a dependência do grupo que o comportamento social é formado. A excessiva liberdade individual leva ao caos. A excessiva uniformidade imposta pelos adultos, leva a um conformismo impessoal ou à rebeldia. (Montessori Jr., 1987, pág. 43)

Evidentemente, faz-se muito mais numa escola Montessori do que trabalhar com o material. As crianças pequenas estão sempre atentas ao que está acontecendo à sua volta, e é comum vê-las assistindo ao trabalho de outras, particularmente das mais velhas. Deste modo o seu aproveitamento em termos de socialização é, de fato, bem maior, pois elas já estão preparadas para a comunidade escolar. (Montessori Jr., 1987, pág. 46)

O material tem que ser ainda bastante simples e sua eficiência se dá a uma importante característica: o isolamento de uma única qualidade. Isto é, se o objetivo do material é ensinar as cores, fazem-se, então, placas de madeira de mesmo tamanho, peso, dimensão e a única variável são as cores da placa. Assim o ensino torna-se claro para a criança evitando-se confusões na cabeça dela. Montessori cita

¹⁰⁷ Montessori, 1948.

¹⁰⁸ Montessori Jr., 1987.

um exemplo em uma professora que quer ensinar às crianças a diferença entre azul e vermelho e diz:

- Meninos, costumam olhar para o céu? Já o viram? Já olharam para ele a noite, quando brilha cheio de estrelas? Não? Olhem para a minha bata, sabem de que cor é? Parece-vos que é da mesma cor do céu? Ora bem, olhem para a cor que aqui tenho, é a mesma do céu e da minha bata, é azul. Olhem a volta, há outras coisas azuis? E sabem que cor são as cerejas? E o carvão em brasa? Etc. Etc. (Montessori, 1948, pág. 107)

Fazendo isso, a professora, apesar de ter boa intenção, está criando uma confusão sem tamanho na cabeça da criança. Afinal, do que a professora está falando? De azul? De céu? O que tem haver bata com estrelas? Na realidade seria muito mais fácil se a professora tivesse simplesmente mostrar a placa azul e dito: Azul, azul. Em seguida poderia ter mostrado a placa vermelha e dito: Este é o vermelho, vermelho. E pronto a confusão estaria desfeita e a lição estaria dada sem grandes confusões.

A criança, por si só, é capaz de fazer as associações e categorizar o que é azul ou vermelho. Ela é capaz de por si só perceber que assim como céu é azul a bata da professora também o é. Esta é a importância de se isolar uma única qualidade do objeto. Reduzir o objeto ao seu objetivo. É isso o que o material Montessori nos mostra. ¹⁰⁹

Outra importante característica dos materiais Montessori é o que Maria Montessori chamou de controle de erro. Trata-se de fazer com que a própria criança perceba o erro no uso sem que haja a necessidade de alguma outra pessoa apontar o erro a ela. É como se todo o material fosse como um quebra cabeça. Quando montamos um quebra cabeça e sobra uma peça ou não forma uma figura coerente percebemos que alguma coisa está fora do lugar, algo está errado. Não há a

¹⁰⁹ Montessori, 1948.

necessidade de alguém nos dizer: Você errou! Sobrou uma peça! Nós somos capazes de perceber sozinhos que erramos. É esse o controle de erro que todo material Montessori deve ter. A criança deve ser capaz de perceber no material o seu erro caso ele exista.

Outro importante atributo do material que deve ser destacado é que ele deve, obrigatoriamente, permitir a atividade da criança. O material deve ser manipulável, a criança deve poder usar as mãos, mexer, tocar no material. Ela deve senti-lo com todos os seus cinco sentidos. O fato de que cada objeto pode ser manipulado e colocado de volta no lugar faz com que a atração do ambiente seja inesgotável. É essa a magia da sala Montessori o constante mexer, manipular, explorar.¹¹⁰

Goulart (1994) sintetiza que o material cientificamente preparado segundo Montessori possibilitaria o desenvolvimento da criança: garantindo a livre movimentação da criança, apresentando uma ordenação gradativa das dificuldades, promovendo a auto-confirmação dos resultados do trabalho após o manuseio, tendo a interferência do professor somente quando se fizesse necessário, sendo o ritmo e as dificuldades das crianças respeitadas e impelindo a criança à observação do exterior e ao mesmo tempo do interior. (Julio, 1997 pág. 30)

Uma última consideração a ser feita acerca do material e que gerou por muito tempo contradições e discórdias sobre o método é a relação da criança com o brincar e o brinquedo em uma sala Montessori. Alguns dizem que a criança pode fazer tudo o que quiser em uma sala Montessori, e, por isso brincam o dia inteiro, enquanto outros alegam o oposto, as crianças só podem fazer o que Maria Montessori queria que fizessem e por isso não podem brincar livremente.¹¹¹

A realidade é que Montessori não era contra o brincar e a sala e os materiais somente se estruturaram de tal forma a partir da observação direta da criança e da

¹¹⁰ Montessori, 1948.

¹¹¹ Montessori Jr., 1987.

constatação de suas manifestações neste ambiente. Não se pode esquecer o contexto em que Montessori criou suas escolas. (pág. 3 e 30).¹¹²

Os brinquedos eram geralmente bonitinhos, ingênuos, mas não se adaptavam à criança, por isso, logo elas perdiam o interesse por eles. Os brinquedos eram baseados em uma projeção do adulto na criança, e não no que elas próprias necessitam para brincar.¹¹³

A brincadeira era mais vista como uma coisa de criança do que como um comportamento fundamental nas primeiras etapas do desenvolvimento humano. Somente quando a criança fazia alguma coisa que correspondia às expectativas dos adultos, isto é, quando estava sendo menos infantil, é que ela poderia esperar aprovação. (Montessori Jr., 1987, pág. 47)

Porém, Montessori se interessou pela criança e ofereceu, por tentativa e erro, diversos materiais diferentes, desde brinquedos comuns da época até alguns dos materiais que são encontrados nas salas hoje, e percebeu que as crianças se sentiam muito mais atraídas pelos brinquedos que as deixavam mais intrigadas, que não tinham um fim óbvio.

Os novos aspectos do comportamento infantil trazido à tona pela experiência de Montessori, demonstraram claramente, pela primeira vez, que as crianças têm uma necessidade intrínseca de conhecer a si mesma e o mundo, de desenvolver sua inteligência e outras funções mentais por meio de atividades objetivas, de adquirir o controle de seus movimentos pelo uso do corpo em situações especificamente estruturadas, de reorganizar os conteúdos de suas experiências de acordo com a ordem estabelecida no mundo, e, finalmente, de conhecer as propriedades das coisas e o intuito de familiarizar-se com seu ambiente e com sua própria capacidade, para que possam tornar-se independentes. (Montessori Jr., 1987, pág. 47)

Para Mario Montessori Jr., duas atitudes principais podem ser distinguidas no comportamento espontâneo da criança. Uma é o desejo de auto-expressão, em que os acontecimentos direcionam-se de dentro para fora. Os objetos servem como meio

¹¹² Montessori Jr., 1987.

¹¹³ Montessori Jr., 1987.

de expressão dos conteúdos das experiências individuais, das habilidades e das fantasias da criança. Ou seja, o que está dentro dela é exteriorizado através do uso dos objetos e pelos significados que lhe são conferidos enquanto brinca. Como por exemplo, uma criança que brinca com um cabo de vassoura se imaginando um cowboy.¹¹⁴

A segunda é um desejo de conhecer o mundo dentro de seus próprios padrões. As crianças querem se familiarizar com as coisas reais e testá-las dentro do próprio mérito. As coisas devem ter significados, coerência, valores e viabilidade em termos de uso. Os objetos do mundo, portanto, instigam o poder de síntese, de discernimento e de coordenação motora nas crianças. Como por exemplo, uma criança que brinca de varrer a casa ou lavar a louça.

A realidade é que ambas as formas de brincar são importantes para a criança e Maria não fez julgamento acerca destas escolhas.

O fato de que as crianças geralmente escolhem atividade que lhe proporcionam mais informações do mundo real, pode ser em parte, resultado de dois aspectos de sua vida. Primeiramente, a necessidade de dramatização inerente à criança encontra eco no fato dela viver cercada por adultos e poder assim observar e repetir seus gestos e atitudes no próprio ambiente infantil (que parece ser basicamente cópias do que elas vêem ao redor). O segundo, é que as crianças de nossa cultura têm geralmente mais oportunidade para brincadeiras de auto-expressão do que para atividades que desenvolvam o conhecimento do mundo. (Montessori Jr., 1987, pág. 49)

¹¹⁴ Montessori Jr., 1987.

4.1.2. O professor Montessori

O professor Montessori é uma figura muito diferente daquela a qual se chama professor no Brasil. O professor Montessori não é o centro da sala e muito menos orador das lições objetivas. Sua função não é a dar longas lições, de prover a crianças de conhecimentos sobre as qualidades das coisas e nem o seu objetivo é levar a criança a conhecer sem errar o material, apressando-se a corrigir os erros da criança.¹¹⁵

A professora tem, no entanto, muitos e difíceis encargos; a sua cooperação não está excluída, mas torna-se prudente, delicada e multiforme. (...) Ela deve adquirir uma agilidade moral que nenhum método até agora lhe pediu, feita de calma, de paciência, de caridade e de humanidade. As virtudes e não as palavras são a sua máxima preparação. (Montessori, 1948, pág. 146)

Em resumo, a sua tarefa principal na prática da escola é a de explicar o uso do material para a criança. O professor é quem faz a ponte entre o material e a criança. Logo para que ele cumpra bem esta função é duplo o estudo que deve fazer. Ele tem que conhecer o material e a criança. Conhecendo o material e suas propriedades ele é capaz de apresentar adequadamente o material para a criança despertando o interesse desta. Conhecendo a criança ele é capaz de detectar qual material é o mais adequado para ser apresentado a criança naquele momento. Qual suprirá as necessidades dela e despertará sua atenção e interesse.¹¹⁶

A professora deve para isso ter o material sempre presente na mente e aprender com exatidão a técnica de apresentação do material e de tratamento da

¹¹⁵ Montessori, 1948.

¹¹⁶ Montessori, 1948.

criança. O professor Montessori deve passar por uma longa preparação e realizar muitas observações de sala.¹¹⁷

Ela poderá estudar teoricamente alguns princípios gerais, utilíssimos para se orientar na prática, mas só a experiência lhe ensinará a delicadeza necessária para lidar com indivíduos diferentes entre si, não dando aos mais desenvolvidos materiais inferiores às suas capacidades que lhe provocaram tédio, nem oferecendo a outros objetos ainda não apreciados, destruindo assim o primeiro entusiasmo infantil. (Montessori, 1948, pág. 147)

Para se conhecer bem o material não basta vê-lo e estudá-lo com a ajuda do livro. O professor tem que exercitar-se com ele buscando sempre avaliar as dificuldades, os interesses, as impressões, os erros, enfim tudo o que o material possa oferecer ou mostrar a criança. Ela deve repetir e repetir quantas vezes for capaz o manuseio do material. Deve ensaiar a apresentação e reagrupá-la segundo graus para desenvolvê-la nas idades seguintes.

Para se preparar para ser um professor Montessori, atualmente, é necessário fazer cursos de preparação de professor além da graduação em pedagogia e ao fim do curso como uma espécie de monografia ele deve confeccionar um álbum Montessori, no qual contém todos os materiais Montessori disponíveis em uma sala. No álbum deve conter uma série de informações relevantes sobre o material e uma foto ou um desenho ilustrativo. (Ver exemplo em anexo 1)

Montessori destaca, ainda, a importância do professor Montessori sempre se auto-analisar, e ter uma preparação interior para receber a criança. O professor deve buscar encontrar em si defeitos e erros tentando sempre melhorar. Não deve se encher de orgulho e achar que tudo sabe e que compreende os aspectos da criança. Ao contrário, ele deve sempre olhar para si mesmo e buscar ver que

¹¹⁷ Montessori, 1948.

aspectos da criança está ignorando. Que aspectos da criança ainda não conhecemos que podem gerar sofrimento para ela?

Não devemos suprir em nós aquilo que nos pode e deve ajudar na educação, mas aquele nosso estado interior, a atitude de adulto que nos impede de compreender a criança. (Montessori, 1983, pág. 144)

Além disso, o professor deve ter um cuidado meticuloso com sua aparência, com sua forma de agir e falar e se preocupar em sempre manter tudo limpo, organizado e preparado para a chegada das crianças.

O professor logo no início do dia, antes das crianças chegarem a escola, deve preparar o ambiente e manter a sala em ordem e limpa. Além disso, ele próprio terá que cuidar do seu aspecto físico e de seus movimentos. ¹¹⁸

Outra atitude importante do professor é em relação ao seu comportamento em sala. Ele deve manter-se sempre interessado e disposto. Sua concentração deve ser um exemplo para as crianças. Quando apresenta uma atividade ele deve mostrar em seu rosto prazer em realizar tal tarefa, se não, a criança percebe e não se sente entusiasmada em fazê-la. ¹¹⁹

Além de colocar a criança em contato com o material, o professor Montessori deve ainda colocá-lo também em ligação com a ordem do ambiente. Ele deve orientar a criança para que ela ajude a manter a ordem externa da sala. Assim, cada objeto deve ser devolvido no seu devido lugar da forma como foi encontrado após ser usado. A sala deve manter um tom agradável de trabalho de forma que ninguém se sinta incomodado pelo barulho ou pela atividade desgovernada do outro e é o professor quem deve controlar tudo isso, orientando a criança. ¹²⁰

¹¹⁸ Guimarães, 1999.

¹¹⁹ Montessori, 1983.

¹²⁰ Montessori, 1948.

De fato, quando a criança se educa por si e deixa ao material o controle e a correção do erro (ver página 33), à professora não resta mais nada se não observar. A professora ensina pouco, mas observa muito, e, sobretudo, tem função de dirigir as atividades psíquicas das crianças e seu desenvolvimento psicológico.¹²¹ A observação é fato importantíssimo na sala. O professor deve estar atento a tudo que as crianças fazem, pois somente assim saberá qual material poderá apresentar em seguida para a criança e só assim conhecerá o seu desenvolvimento psíquico.

Uma advertência que sempre se faz ao professor Montessori é que este nunca deve interromper quando não for necessário. O professor é um observador que intervirá somente quando extremamente necessário. Ele não deve nunca interferir a atividade da criança que esta concentrada, nem para dizer se esta indo bem ou mal nem para fazer qualquer outra observação sobre a atitude da criança. Deve deixá-la trabalhar e somente observar de longe.¹²²

Outra advertência é a que o professor deve evitar o supérfluo, sem esquecer do necessário. Segundo Montessori, a existência do supérfluo e a falta do necessário são os dois principais erros da professora. Como já foi exemplificado anteriormente, podemos citar o exemplo da professora que quer ensinar as cores e para isso utiliza-se da cor do céu, das estrelas, da bata. A professora está pecando pelo supérfluo! Não seria necessário dizer tudo aquilo. Porém ela também pecaria se não apresentasse as duas cores, salientando as suas diferenças no contraste das placas.¹²³

O professor Montessori deve saber o que dizer e quando dizer. Deve tentar simplificar o máximo possível uma lição, mas sem deixar que se omita o necessário. É realmente uma tarefa difícil e que somente atingirá perfeição com muita prática.

¹²¹ Montessori, 1948.

¹²² Guimarães, 1999.

¹²³ Montessori, 1948.

Outra importante consideração sobre a atitude do professor Montessori é sobre a correção da criança. O professor nunca deve dizer a criança que a atividade está incorreta. O próprio material se encarrega disto, com o controle de erro. Na escola Montessori não há problemas em errar e por isso os erros não são apontados como se fossem motivos de vergonha. Todos são humanos e todos erram e devem aprender com os erros.¹²⁴

É importante destacar que apesar de hoje algumas destas técnicas serem consideradas comuns a partir das idéias construtivistas, na época em que Montessori estabeleceu estes princípios eram grandes inovações. Nunca alguém antes havia colocado o aluno e o professor em tais posições. Nunca antes havia se tratado o aluno tão de igual para igual como no sistema Montessori. E jamais havia se proclamado que o erro faz parte da vida e que, portanto não se deve condenar um aluno por cometê-los.

O mesmo acontece sobre os castigos e premiações. Em uma escola Montessori não são dados castigos ou premiações para as crianças como forma a estimulá-las ou puni-las por uma determinada atitude. Isto não acontece, pois Montessori constatou que as crianças que trabalham em um material e que conseguem terminá-lo adequadamente se sentem extremamente recompensadas por este fim. Por tê-lo conseguido. Não é necessário que alguém lhe dê um doce por ter terminado a atividade, ou que lhe digam o tempo todo Parabéns! Muito bem!

Esta atitude gera um vício na criança que a faz dependente do adulto. Tudo o que ela faz precisa ser mostrado para o adulto, precisa de sua aprovação. Isto vai contra os princípios Montessori de promover a independência da criança e por isso os elogios são feitos em momentos oportunos e sem excessos. Por exemplo: se a

¹²⁴ Guimarães, 1999.

criança mostra um desenho não se diz: “Que lindo, que maravilhoso! É uma obra de arte! Vou pendurar na parede! Como você é lindo, que gracinha!”, mas sim: “O que você desenhou? Olhe quantas cores você usou! Parabéns!” ¹²⁵

O mesmo acontece para o castigo, pois se a criança não é impedida de errar não há motivo para que ela pague pelo erro. Correções acerca do erro do material nunca são feitas. Caso a professora perceba algum erro ela pode até perguntar: “É assim que o material estava quando o encontrou?”, mas se a criança responder que sim a professora deve sorrir e continuar suas atividades normalmente. A única correção a qual se faz é quando a criança tem atitudes que interferem no bom convívio da sala ou que podem destruir o material ou machucar alguém. Montessori neste caso recomenda que a professora ou outro colega de sala lancem um aviso pedindo gentilmente para que ele pare, pois está atrapalhando. Caso a criança continue ela é então colocada em um canto de forma a ainda poder observar a sala e seus colegas para que assim reflita sobre as suas ações. Chama-se isto de perda de liberdade, pois ela é excluída do convívio com os colegas por um período, mas mesmo assim ainda pode ver tudo o que acontece na sala. ¹²⁶

Julio (1997) discute sobre a preparação destes professores e destaca a importância da conscientização destes de sua importância para prática. Se o professor não está adequadamente preparado a escola Montessori não pode funcionar adequadamente. Pois como já foi destacado, o professor preparado é um dos pilares sustentadores da escola, é um dos princípios básicos a que devem ser cumpridos por qualquer escola que queira se denominar Montessori.

¹²⁵ Montessori, 1983.

¹²⁶ Montessori, 1983.

Mafra afirma que se Montessori propôs uma escola nova, novas abordagens e estratégias para o aperfeiçoamento dos professores também deveriam surgir.¹²⁷

Mafra (1986) cita que numa proposta educacional onde o aluno é o sujeito de sua própria educação, mais do que nunca os professores deveriam receber treinamentos bem planejados, pois seu papel será fundamental para a formação do aluno. Por isso, somente um educador consciente do seu papel dentro do método montessoriano, e tecnicamente preparado poderia desempenhar adequadamente suas funções. (Julio, 1997, pág. 49)

Apesar de não ser o centro da sala, o professor é um importante instrumento na educação Montessori, e por isso, deve ser alvo de grande preocupação e constante atenção de todas as escolas que desejam seguir este sistema.

Segundo tradução do texto Italiano Perugia¹²⁸ o professor Montessori deve cumprir doze funções. São elas:

1. Cuidar do ambiente;
2. Indicar o uso dos objetos e dos materiais de maneira clara e precisa;
3. Ter uma conduta ativa quando coloca a criança em relação com o ambiente; assumir uma conduta passiva, quando a relação é estabelecida;
4. Observar atentamente a criança, a fim de que consiga perceber o esforço que ela faz na busca do conhecimento dos objetos que formam o ambiente ou quando ela necessita de apoio e companhia;
5. Atender quando chamado e reordenar o ambiente quando necessário;
6. Escutar tudo o que a criança tem vontade de dizer;
7. Respeitar quem trabalha, sem jamais interromper nem interrogar;
8. Respeitar quem erra, sem jamais dizer ou corrigir diretamente;
9. Respeitar a criança que repousa ou que observa outras trabalhando, não chamar sua atenção ou obrigá-la a trabalhar;

¹²⁷ Julio, 1997.

¹²⁸ Dodecálogo do professor, 2009

10. Ser incansável na tentativa de oferecer trabalho a quem o rejeita, a quem não aprendeu ou a quem, sistematicamente, erra;
11. Fazer notar sua presença a quem o procura, a quem necessita, mas “desaparecer” para quem já encontrou seu trabalho;
12. Estar presente com a criança que terminar seu trabalho e exauriu livremente seu esforço pessoal, e a ela oferecer, no silêncio, sua força interior como oferta espiritual.

4.1.2.1. A técnica da lição – os três períodos da lição

Conforme já foi esclarecido o principal papel do professor é o de apresentar o material à criança. Para que isto seja feito Maria Montessori estabeleceu uma seqüência e ordem de apresentação deste material, chamada de técnicas das lições.

A professora, no seu ofício de guiar o trabalho da criança com o material, deve distinguir dois tempos diferentes. No primeiro, ela coloca a criança em contato com o material iniciando-o no seu uso. Em um segundo momento, ela intervém para esclarecer a criança, que conseguiu, com seus exercícios espontâneos, distinguir a diferença entre as coisas. Assim a professora dá a criança a nomenclatura relativa às diferenças percebidas.¹²⁹

O primeiro período da lição deve ser realizado a partir de algumas atitudes do professor. São elas: isolar o material, isto é: o material deve ser colocado sobre uma mesa e a professora deve se sentar ao lado da criança. Em seguida, a professora deve executar a atividade com exatidão lembrando-se sempre de evitar o supérfluo sem se esquecer do necessário. Assim ela despertará a atenção da criança desde que não se mantenha fria em relação ao material. O professor nunca deve realizar uma atividade sem demonstrar prazer ao realizá-la.¹³⁰

Há dois tipos de erros que uma criança pode cometer. Um é o erro do material, que será controlado pelo controle de erro. E este não tem nenhum problema em acontecer e não deve ser corrigido. O segundo é o erro provocado pela má vontade. O erro que causa desordem, atrapalha os outros e pode destruir o

¹²⁹ Montessori, 1948.

¹³⁰ Montessori, 1948.

material. Nesta situação o erro deve ser imediatamente corrigido pela professora (pág. 39).¹³¹

Se, pelo contrário, a criança usar o material como a professora mostrou, demonstrando interesse e satisfação, esta deve deixá-lo repetir quantas vezes desejar, sem interromper e quando a criança terminar espontaneamente o seu exercício a professora pode intervir pedindo para que a criança recolha o material em seu lugar ou para apresentar o segundo período da lição.¹³²

O segundo período da lição consiste na intervenção da professora para melhor determinar as idéias à criança. A intervenção principal consiste em ensinar a nomenclatura exata a ser usada. Por exemplo, na lição das cores o primeiro período seria o reconhecimento da criança das diferentes cores das placas pareando as semelhantes. O segundo período seria então a introdução dos nomes de cada cor que já foi anteriormente percebido pela criança quando ela fez os pareamentos.¹³³

O terceiro período da lição consiste na lição dos três tempos utilizada por Séguin para obter, na criança deficiente, a associação entre a imagem e a palavra correspondente que foi adaptada as escolas Montessori.¹³⁴

A lição dos três tempos consiste em três principais etapas: a primeira é a percepção cujo objetivo é associar a palavra com o objeto, chamando a atenção da criança para o objeto e associando-o a uma palavra. Esta etapa deve ser breve. Então o adulto nomeia o objeto ("Isto é ...") e a criança: ouve o adulto.¹³⁵

A segunda etapa é o reconhecimento, cujo objetivo é verificar a compreensão do significado da palavra e serve para reforçar o sentido da palavra em relação ao objeto. Deve durar enquanto a criança estiver interessada, para encorajar repetição.

¹³¹ Montessori, 1948.

¹³² Montessori, 1948.

¹³³ Montessori, 1948.

¹³⁴ Montessori, 1948.

¹³⁵ Anotações do curso de aperfeiçoamento Montessori, 2008.

É quando o adulto pede à criança que realize alguma ação com o objeto, por exemplo, “Mostre-me ...,” “Dê-me ...,” “ Coloque ...,” “Mova ...” e a criança: realiza a ação.¹³⁶

A terceira etapa consiste na expressão, cujo principal objetivo é verificar se a associação palavra/objeto e a pronúncia foram feitas pela criança corretamente. É quando o adulto pergunta à criança qual o nome do objeto em referência e depois ouve a palavra pronunciada pela criança. (“O que é isto?”) e a criança: nomeia o objeto que lhe é apontado.¹³⁷

Exemplo: (nomes dos objetos)¹³⁸

Lição 1.

“Isto é uma caneta.”

“Isto é um lápis.”

Lição 2.

“Mostre-me a caneta.”

“Mostre-me o lápis.”

“Coloque a caneta aqui.”

“Coloque o lápis aqui.”

“Dê-me a caneta.”

“Dê-me o lápis.”

Lição 3.

“O que é isto?”

“O que é isto?”

“É uma caneta.”

“É um lápis.”

¹³⁶ Anotações do curso de aperfeiçoamento Montessori, 2008.

¹³⁷ Anotações do curso de aperfeiçoamento Montessori, 2008.

¹³⁸ Anotações do curso de aperfeiçoamento Montessori, 2008.

4.1.3. Diferenças da escola Montessori para a escola regular ¹³⁹

MONTESSORI	ESCOLA REGULAR
Respeito por diferenças individuais;	Ênfase na formação de um grupo;
Motivação própria e processo de aprendizagem centrada na criança;	Ênfase nas notas, punições e recompensas como motivação;
Salas com idades misturadas, onde a criança aprende observando os colegas;	Estudantes agrupados cronologicamente para se adequar ao planejamento dos professores;
Aprende no seu próprio tempo, livre para se aprofundar numa matéria o quanto desejarem e de acordo com seu entusiasmo;	Ensina-se através de aulas pré-estabelecidas para todos os alunos assistirem ao mesmo tempo;
Crianças aprendem praticando na sala de aula com a supervisão ou assistência de um professor quando necessário;	Alunos devem praticar sozinhas e recebem notas por lições de casa ou trabalhos não monitorados;
A sala de aula é usada como biblioteca ou fonte de pesquisa e estudo: as crianças são livres para se mover e por isso desgastam-se menos;	Estudantes trabalham em carteiras e passivamente sentam e ouvem às longas aulas oferecidas;
O conhecimento é adquirido através de materiais concretos, cientificamente desenhado para acrescentar o pensamento conceitual e levar a abstração;	O conhecimento freqüentemente consiste em memorização de informações irrelevantes. De conhecimentos abstratos não relacionados às experiências diárias da criança;
O professor verifica no dia a dia o aprendizado das crianças através das apresentações e observações.	Os testes marcados não levam em consideração a preparação de cada indivíduo. Os estudantes são intimidados e ensinados que passar de ano é mais importante que saber.

¹³⁹ Tabela elaborada e cedida por Camila Isola Guimarães, 2008. Curso de aperfeiçoamento Montessori.

V. A função dos pais

Novamente Montessori inovou com mais uma idéia que parecia estar à frente do seu tempo. Ela foi a primeira a salientar que os pais têm uma importante tarefa na vida de seus filhos e que estes são os principais modelos da criança na sua educação. Foi ainda a primeira a salientar a importância da parceria pais – escola.

Para Montessori, o primeiro passo a ser dado para solucionar o problema da educação não deve ser dado na direção da criança, mas na direção do adulto educador. Para ela, é preciso clarificar sua consciência e despojá-lo de vários preconceitos. Logo a educação que observa a criança antes de arriscar-se a querer educá-la deve penetrar na família e criar ali mais do que uma nova criança, novos pais e novas mães.¹⁴⁰

Para ela nem pai e nem mãe estão preparados para a difícil tarefa de educar uma criança. Ela crítica o fato dessa função ser deixada exclusivamente ao acaso ou à boa vontade. E salienta a importância dos pais em rever sua postura e fazer esforços para respeitar o máximo a criança.¹⁴¹

Ela coloca que é importante que, primeiramente, os pais e educadores percebam que a criança precisa de muito mais do que só cuidar da alimentação, higiene e permitir o sono na hora certa. Mais do que isso é necessário abrir o caminho para o desenvolvimento psíquico saudável da criança.¹⁴²

A primeira atitude a qual ela crítica nos pais é a posição em que eles se colocam de serem perfeitos e infalíveis. Ela salienta que a criança é capaz de perceber os erros dos pais e essa atitude torna-se contraditória para a criança, fazendo com que a mesma perca a confiança em seus pais. Os pais precisam se

¹⁴⁰ Montessori, 1967.

¹⁴¹ Montessori, 1967.

¹⁴² Montessori, 1967.

mostrar seres falíveis como quaisquer outros e assumir isto em si e para seus filhos.

143

Outra atitude que ela critica é o abuso de poder dos pais que quando perdem o controle recorrem ao abuso da autoridade obrigando os filhos a obedecerem. Ela diz que esta atitude dá uma falsa impressão de obediência, pois a criança não entende o real sentido de obedecer e por isso perde a confiança nos pais; e mais perdem sua espontaneidade e liberdade, calando-se apenas para não serem reprimidos.¹⁴⁴

Montessori ainda adverte. A liberdade na educação não deve ser interpretada de modo a fazer acreditar que não se devam corrigir os defeitos, mas que os defeitos devem ser corrigidos quando necessário e não de uma forma autoritária, com abuso de poder ou se colocando como um ser perfeito, infalível diante da criança. A postura que deve ser estabelecida com a criança é a de ser sincero e claro nas advertências e instruções. De se mostrar um ser que a ama e que quer o melhor para ele e que para isso deve corrigi-la.¹⁴⁵

Montessori diz que o mais importante é “Respeitar todas as formas de atividade razoáveis da criança e procurar entendê-las.”¹⁴⁶

Isto é, antes de reprimir a criança buscar entender o porquê ela está tendo aquela atitude. Se ela estiver chorando ou tendo alguma atitude que não entenda pergunte o porquê dela estar se manifestando daquela forma. Permita a criança que se explique. Por exemplo, esses dias eu estava em um parque e vi duas crianças correndo e brincando. Uma delas estava com um graveto na mão se divertindo, não estava fazendo nada de mal nem para si e nem para o outro. Então a mãe virou para

¹⁴³ Montessori, 1967.

¹⁴⁴ Montessori, 1967.

¹⁴⁵ Montessori, 1967.

¹⁴⁶ Montessori, 1967.

a criança e disse: "Largue isto imediatamente! Vou contar até três se não vamos embora!" Por que tal atitude? Somente para demonstrar poder e controle sobre a criança. Ela estava se divertindo, estava apenas explorando o objeto, usando sua imaginação. Talvez estivesse pensando que era uma espada, um cavalo, não sei, mas estava brincando calma e tranqüila. Este tipo de intervenção Montessori criticava, pois é totalmente desnecessário, principalmente da forma como foi feita: com um tom ameaçador e autoritário. Por que levar a criança ao parque se não for para ela correr, pular, brincar, explorar o ambiente? O que está mãe espera desta criança? Ou mesmo que ele esteja correndo perigo, não precisa dizer desta forma. Poderia caminhar até a criança, se abaixar e dizer: "Por favor, não brinque com isso, pois você pode se machucar".

Montessori destaca ainda que é preciso assegurar o máximo possível, o desejo de atividade da criança e não servi-la, mas educá-la para a independência.

147

Para Montessori, os pais e educadores devem ter muita paciência e exercitar o máximo esta paciência. É preciso respeitar a velocidade da criança e permitir que ela realize a atividade por menos perfeita que esta possa parecer no início, pois somente assim a criança tornará seu movimento cada vez mais perfeito. Por exemplo, é preciso permitir que a criança coma sozinha, por mais que ela vá se sujar ou demorar em realizar a atividade. Por mais que ela possa errar a boca no início, ter dificuldades no movimento da mão em segurar os talheres e levá-los até a boca, a criança precisa realizar esta tarefa, pois conforme o fizer seus movimentos se tornarão mais exatos e menos ela se sujará. E assim é para tudo como se vestir, tomar banho, arrumar o quarto, andar, etc. E a Dra. Montessori ainda salienta:

¹⁴⁷ Montessori, 1967.

“Como a criança é muito sensível, mais do que se possa imaginar, às influências exteriores, devemos ser mais prudentes nos nossos relacionamentos com ela.”¹⁴⁸

Montessori critica a insensibilidade com que os adultos se relacionam com a criança. Ela critica a posição de muitos pais que quando a criança chora diz a ela: “Não é nada!”. A criança não chora por acaso. Sempre há um motivo, mas muitas vezes, por a criança ser mais sensível, o motivo é sutil demais para que nós adultos percebermos. Logo ela sustenta que devemos consolar a criança ou deixá-la enxugar sozinhas suas lágrimas sem desmerecermos o sentimento dela. Pois fazendo isto estaremos negando a impressão da criança que sente dor quando na verdade o que ela espera é compreensão.¹⁴⁹ Para Montessori:

A nossa participação, ao contrário, dá-lhe a coragem de reunir outras experiências e, ao mesmo tempo, demonstra-lhe como se deve corresponder aos sofrimentos das outras pessoas. Não se nega, não se fala demasiado sobre o fato, não se procura a primeira causa: uma palavra terna e afetuosa é a única resposta válida para consolar. Agindo assim, a criança poderá continuar sozinha, livremente, as suas observações e experiências e o seu desenvolvimento físico se beneficiarão muitíssimo disso. (Montessori, 1967, pág. 89)

Isto é, para Montessori, os pais e educadores precisam rever suas atitudes perante a criança e criar um clima de maior compreensão. É preciso incluir a criança na família e entendê-la como um ser que tem suas particularidades e sua própria dinâmica. Não se deve deixar ao acaso a educação da criança. É importante sim que os pais se preparem para exercer essa função e tomem consciência de suas atitudes e conseqüências.

Acompanhar atentamente todas as expressões da alma infantil, deixar a criança livre, de forma que possa manifestar suas necessidades e garantir-lhes todos os meios exteriores

¹⁴⁸ Montessori, 1967.

¹⁴⁹ Montessori, 1967.

ocorrentes ao seu desenvolvimento, esta é a premissa para uma evolução livre e harmoniosa e para a organização de suas forças latentes. (Montessori, 1967, pág. 91)

Além disso, Montessori salienta a importância dos pais manterem um bom relacionamento com a escola e com os professores da criança. É preciso que ambos dialoguem sobre ela e troquem experiências e angústias.

A educação da criança não se faz de forma fragmentada, mas é um conjunto de todos os meios em que ela vive, e por isso, esses meios precisam estar em harmonia e consonância, em perfeita sincronia. Afinal o objetivo principal é o de desenvolver a personalidade da criança até que ela adquira maturidade e independência e isto é um desejo em comum tanto dos pais quanto dos professores.

150

¹⁵⁰ Montessori, 1983.

VI. A educação inclusiva

Antes de discutir o trabalho inclusivo em uma sala Montessori, cabe ressaltar que a educadora iniciou seu trabalho e somente se tornou educadora e desenvolveu este sistema de educação devido ao seu envolvimento, ainda no início de sua carreira, com crianças deficientes que, rejeitadas pela sociedade, viviam em um hospital psiquiátrico onde trabalhou por alguns anos. Além disso, Maria Montessori deve seu trabalho ao estudo aprofundado que fez dos trabalhos de Itard e Sèguin desenvolvidos com crianças deficientes. Logo seu trabalho é amparado no sucesso que obteve com as crianças deficientes deste hospital, que após apenas dois anos de trabalho foram aprovadas no teste do estado que verificava o nível educacional do país, sendo que crianças tidas como 'normais' reprovavam.

Nas salas Montessori, todos os tipos de crianças convivem juntas sem nenhum problema. Como o trabalho é individualizado e respeita o ritmo próprio de cada criança o trabalho inclusivo torna-se fácil e agradável, tanto para a criança quanto para o professor.

As crianças percebem as diferenças individuais de cada um, mas como a criança só é comparada a ela mesma, ou seja, ela é comparada a partir dos resultados que apresentava naquele momento comparado aos que apresentava antes, sendo estimulada a tornar-se mais independente, mais atenta e mais observadora, não há competitividade entre elas e, portanto não há hierarquia do saber. Logo as crianças não vêem as diferenças que tem entre si como algo que possa ser utilizado para se vangloriar ou desmerecer o outro e por isso a convivência é pacífica tanto entre as crianças de diferentes idades quanto entre as crianças que têm alguma necessidade educativa especial. Elas aprendem apenas a

admirar os outros pelo que conseguem fazer e vendo o outro conseguir sentem desejo de ser como eles e por isso se dedicam para aprender.

Presenciei um fato interessante que me mostrou como as crianças são desprovidas de preconceitos e vêem os colegas como pessoas que tem suas próprias características e formas de se relacionar. Em certo dia, a escola ia ter a comemoração do dia do amigo. Para isso as crianças poderiam levar a escola para passar uma manhã com elas um amigo. Há uma garota na escola que tem síndrome de down (B.) e ela levou uma amiga que também tem síndrome de down. Fiquei admirada com o comentário de uma outra criança que disse: "Olhe! A B. trouxe uma amiga do mesmo país que ela!".

Cabe colocar ainda que a própria estrutura e dinâmica de uma sala Montessori são extremamente propícias para a inclusão. Tendo em vista que os materiais partem do concreto para mostrar algum conteúdo abstrato eles tomam mais fáceis as associações de idéias e conteúdos mais complexos. Além disso, o estímulo sensorial é muito importante neste processo, pois ajuda a criança a se conscientizar do seu corpo, dos seus movimentos, dos seus sentidos tornando a criança em um ser mais observador e mais consciente de si. Logo uma criança que é capaz de aprender mais.

Mas não podemos desconsiderar que existem diferenças. Maria Montessori observou que há sim algumas diferenças na dinâmica de sala de uma criança considerada "normal" para uma criança deficiente, porém estas diferenças não interferem na possibilidade de todas as crianças conviverem juntas na sala e de estudarem na mesma escola e aprender e ter acesso aos mesmos conteúdos.

A primeira diferença fundamental é que a criança deficiente não revela um interesse espontâneo pelo material. Torna-se então necessário chamar

continuamente sua atenção, provocar-lhe o espírito de observação e exortá-lo a ação. ¹⁵¹ Porém, devemos sempre lembrar que não se pode generalizar. Cada criança é única e deve ser tratada como tal.

Por outro lado, Montessori observa que a lição dos três tempos tem um excelente efeito em todas as crianças. Segundo suas observações a lição dos três tempos ajuda não somente a criança deficiente a fixar a associação entre a palavra e a idéia, mas ajuda a mostrar as diferenças perceptivas do material.

A visão da escola Montessori é de que se deve incluir todas as crianças porque todas são especiais e diferentes umas das outras. Todas possuem ritmos diferentes, interesses diferentes e deve ser respeitadas como indivíduos. Em uma escola Montessoriana a única regra é: Não há limites para a aprendizagem de cada um.

Porém, para isso o professor deve compreender as diferenças de cada um e auxiliar a criança chamando sua atenção para os materiais e realizando a lição dos três tempos de acordo com o interesse e necessidade da mesma. Por isso a importância do professor ser bem formado quanto ao trabalho que deve realizar na sala.

¹⁵¹ Montessori, 1965.

VII. Educação cósmica

Muitas pessoas pensam na educação Montessori como sendo um sistema de ensino destinado exclusivamente às crianças pequenas, porém ele é muito mais do que isso. A abordagem montessoriana pode ser aplicada desde o atendimento da mulher grávida, e até mesmo, na preparação para os pais, até a maturidade. Isto porque muito mais do que fixar conteúdos, ela pretende proporcionar a formação da personalidade sadia. Além disso, os planos de Montessori para a educação iam muito além dos muros da escola. Ela pretendia algo muito maior ao qual chamou de educação cósmica.¹⁵²

O que torna a educação Montessoriana tão especial é seu objetivo de ajudar os homens na enorme tarefa de estruturação interna necessária à passagem da infância para a idade adulta. A educação é um aspecto essencial do desenvolvimento humano; sem ela não podemos nos tornar completamente adultos, sendo que o nível de maturação da personalidade individual depende essencialmente do processo educacional. (Montessori Jr., 1987, pág. 111)

A aprendizagem não deve ser um esforço, uma carga, um dever tedioso a ser cumprido com o intuito de ser aprovado por alguém que tenha autoridade: pelo contrário, deve ser resultado de um interesse pessoal, de um envolvimento com o mundo, de um desejo de compreender os significados das coisas. Quando isso acontece, a criança torna-se apta a localizar-se e orientar-se dentro da sociedade e em relação ao futuro.¹⁵³

O segredo do ensino é ver a inteligência da criança como um campo fértil, no qual se pode plantar sementes de idéias que crescerão sob o calor da imaginação flamejante. Nosso objetivo, portanto, não é apenas o de fazer a criança entender, e muito menos forçá-la a memorizar, mas tocá-la profundamente ao motivar sua imaginação. (Montessori Jr., 1987, pág. 108)

¹⁵² Montessori Jr., 1987.

¹⁵³ Montessori Jr., 1987.

O desenvolvimento é um processo contínuo no qual a essência psicossomática do indivíduo permanece, ao mesmo tempo em que ele vai se adaptando interruptamente às mudanças de seu meio. Logo, não importa tanto quais fatos serão ensinados, mesmo porque, na maioria das vezes, estes fatos já estarão obsoletos no momento em que puderem ser utilizados. Muito mais importante é ajudar o aluno a desenvolver suas potencialidades de maneira tal que ele possa confiar em sua própria capacidade de agir frente ao inesperado e a solucionar qualquer problema novo que possa surgir. Em outras palavras, ele deve ser ajudado a sentir-se independente e a desenvolver uma visão que o capacite, quando adulto, a manter seu mundo de tal forma que a interminável, criativa e gigantesca tarefa cósmica de homem possa continuar. (Montessori Jr., 1987, pág. 115)

Logo Montessori, quando pensava em educação não se limitava a pensar na formação no sentido de introduzir conteúdos. Ela pensava em uma educação cósmica. Uma educação que diz respeito ao funcionamento de todo o universo. Para ela todos nós estamos interligados e temos uma missão no mundo, não no sentido místico ou sobrenatural, mas simplesmente no sentido de ter um compromisso com a natureza e a sociedade. Ela acreditava que devemos garantir o bom funcionamento do mundo, preservar o meio em que vivemos e construir meios de melhor nos utilizarmos e beneficiarmos das coisas sem destruí-las. Portanto, para ela, a educação cósmica é uma busca de desenvolver a inteligência, a visão e a criatividade do homem ao máximo para que ele seja capaz de construir um mundo diferente. Pois já que o homem não tem apenas o impulso de adaptar-se ao meio, mas o de mudá-lo é somente provido destas características que ele poderá permitir a vida humana com uma existência digna. O progresso, ou não, da comunidade humana é determinada pelas ações ajustadas de seus membros e por isso esse tipo de educação se faz tão necessário e urgente. O homem deve ser educado para adquirir a habilidade de controlar seu poder de mudança.¹⁵⁴

Logo era essa a pretensão de Montessori com suas idéias para a educação. Muito mais do que fazer um ambiente mais agradável para a criança ela pretendia

¹⁵⁴ Montessori Jr., 1987.

expandir tudo isto a nível cósmico possibilitando não somente o desenvolvimento da personalidade mais segura como também o desenvolvimento de uma consciência global. Isto é uma consciência que compreende as leis das causas e efeitos e que por isso mede suas conseqüências e busca soluções propícias e saudáveis para todo o mundo.

Conclusão - Reflexões acerca do sistema Montessori de educação no Brasil

Existem 43 escolas Montessori no Brasil hoje cadastradas no site da Organização Montessori do Brasil (OMB), distribuídas em 12 estados. Tenho vivência prática em uma escola de educação infantil montessoriana e percebo o quanto o sistema Montessori aborda e resolve os principais problemas enfrentados hoje nas escolas e o quanto isto é feito de forma a ninguém se traumatizar. A criança é feliz, o professor tem condições dignas de trabalho, os pais sentem-se satisfeitos.

Diante de tais constatações surge a pergunta do por que o sistema é tão pouco difundido no Brasil. Refletindo sobre tais questões apresento algumas hipóteses. A primeira, é acerca da formação do professor. As faculdades de pedagogia raramente têm alguma disciplina que explique sobre o sistema Montessori e não oferecem a formação para esse tipo de professor. Logo as poucas pessoas que acabam tendo contato com o sistema e desejam se tornar professores devem procurar um curso específico que geralmente é caro e oferecido por poucas instituições em somente alguns estados do país.

A segunda hipótese é a própria estrutura física da escola Montessori, pois esta deve ser detalhadamente preparada e é muito diferente da estrutura de escola a qual se está habituado no Brasil.

Além disso, há ainda a necessidade de se ter os materiais Montessori que também não são facilmente encontrados para vender e que por isso costumam ser caros. Faço uma ressalva a esta questão, pois acredito que a maioria dos materiais podem ser feitos utilizando materiais recicláveis, artigos de papelaria e criatividade.

Porém, apesar de a idéia de se aplicar o sistema Montessori nas escolas hoje no Brasil seja bastante utópica (pelo menos nas escolas públicas) gostaria de, com esse trabalho, discutir a importância de se modificar algumas concepções da educação no Brasil. Acredito que algumas atitudes descritas ao longo deste trabalho podem ser utilizadas por qualquer professor, mesmo aqueles que não têm a oportunidade de trabalhar em uma escola Montessori e que trabalham em diferentes contextos sejam eles escolas públicas e particulares de outras metodologias ou até mesmo ONG's e outras instituições de educação não-formal.

É muito importante que nós, professores, busquemos romper com essa idéia da escola ser chata e desinteressante. Acredito que podemos, sim, tratar os alunos com mais respeito e carinho e nos relacionarmos através de diálogos e não por gritos e imposições. Podemos dizer mais 'por favor' e 'obrigado'. Podemos falar mais baixo e dividir a sala em pequenos grupos com tarefas diversificadas. Propor mais pesquisas, contextualizar os conteúdos a serem ensinados relacionando-os com a vida dos alunos. E principalmente utilizar mais materiais concretos para explicar idéias abstratas.

Segundo Rubem Alves, em entrevista concedida para Educar para Crescer: "As escolas são chatíssimas!" Ele acredita que: "Para se aprender, a gente tem que lidar com aquelas questões que são cruciais para a vida. As crianças têm questões que são cruciais para a vida delas. A escola não está lidando com elas." E completa que o concreto torna a aprendizagem muito mais agradável. "Você vê as coisas, faz as coisas".¹⁵⁵

Eu imaginei um programa que tomasse a casa como laboratório. Por exemplo, na sala, você aprende ângulos, linhas, proporções. Na cozinha, você aprende química. No banheiro, há lições fantásticas de ecologia, de ambiente (...) As crianças têm interesse por

¹⁵⁵ Costa e Bernardino, 2009

aquelas coisas ao alcance de suas mãos. Não adianta trabalhar com abstrações. (Alves, apud Costa e Bernardino, 2009)

Essas pequenas ações, pequenas mudanças não são nem um pouco utópicas e estão ao alcance de cada professor. Não é necessário o governo agir, uma lei ser criada, a metodologia mudar, basta querer mudar e se atualizar. Ler mais, estudar mais, observar outras formas de se ensinar, fazer mais perguntas. Afinal como afirmou Rubem Alves:

A alma de tudo é o professor. Não adianta programas novos, novas leis, se o professor tiver a cabeça velha. Em nosso modelo clássico, o professor é aquele que sabe a matéria. Ele vai cobrar a matéria. Esse modelo não funciona mais. O professor tem que ser aquele que pergunta, que está junto com os alunos. Não dá respostas, mas provoca os alunos para ver se eles pensam por conta própria. (Alves, apud Costa e Bernardino, 2009)

Gostaria de concluir este trabalho exatamente com estas questões colocadas por Rubem Alves e completo ainda que não pretendo depositar toda e responsabilidade sobre o professor, mas, sim, o instigar a pensar e a se perguntar: O que eu posso fazer para melhorar? O que está ao meu alcance? Eu posso fazer diferente?

Notas de esclarecimento:

^a Jean Itard (1774 – 1838) médico francês, dirigiu a Insituição Imperial dos Surdos-Mudos, destacou-se pelas suas concepções avançadas no que se refere à relação com as crianças. Ficou famoso pelo trabalho que desenvolveu com a reeducação de uma criança selvagem (Victor) encontrada em Aveyron. Na sua opinião o atraso que essa criança apresentava era devido não por fatores de ordem biológica, genética, mas pelo fato de não ter vivido em sociedade. Seus relatos dos progressos obtidos por Victor no processo de reeducação constituem, ainda hoje, um testemunho precioso. (Jean Itard, 2003)

^b E. Séguin (1812 – 1880) educador e psicopedagogo francês, autor de diversos trabalhos que o tornaram conhecido, sobretudo nos Estados Unidos, onde se exilou em 1846. Ocupou-se essencialmente dos problemas do tratamento e ensino das crianças dementes e atrasadas mentais, sendo suas obras consideradas como das mais importantes na história da educação. Elaborou abundante material pedagógico destinado a possibilitar o desenvolvimento da imaginação das crianças. Destacou a importância da educação dos sentidos. O objetivo final de seu método era levar as crianças a adquirirem uma elevada quantidade de recordações de experiências pessoais, constituindo como que uma espécie de armazém intelectual para utilização da imaginação e inteligência de uma maneira utilitária. O grande conselho pedagógico de Séguin é o de que “não se deve ensinar nada no interior que possa ser ensinado no exterior. Não ensinar nada com a natureza morta, quando se pode fazê-lo com a natureza viva”. (Oliveira, 1996)

^c Friedrick Froebel (1782 – 1852) educador alemão. Foi um dos primeiros educadores a considerar o início da infância como uma fase de importância decisiva na formação das pessoas. Foi fundador dos jardins de infância. Para ele, as brincadeiras são o primeiro recurso no caminho da aprendizagem. Não são apenas diversão, mas um modo de criar representações do mundo concreto com a finalidade de entendê-lo. Com base na observação das atividades dos pequenos com jogos e brinquedos, Froebel foi um dos primeiros pedagogos a falar em auto-educação. (Ferrari, 2008)

^d Guglielmo Marconi (1874 – 1937) inventor italiano e pioneiro do rádio. Marconi foi um pioneiro do rádio, considerado seu inventor oficial, e um empresário de sucesso. Tinha 23 anos de idade quando patenteou um sistema de telegrafia sem fios que lhe assegurou o monopólio das radiocomunicações e, mais tarde, o Prêmio Nobel de Física de 1909. Suas tentativas de utilizar aparelhos transmissores de ondas curtas, a partir de 1916, levaram à realização, nos anos 1920, da primeira rede intercontinental de comunicação por rádio. (Pedagogia e Comunicação, s/d)

Referências Bibliográficas

ANOTAÇÕES do Curso de Aperfeiçoamento Montessori, módulo I, 2008. Campinas.

ALMEIDA, Ordália Alves de. **A educação infantil na história: A história na educação infantil.** Palestra proferida no 14º Congresso Brasileiro de Educação Infantil - OMEP/BR/MS em 2002. Disponível em: <<http://www.omep.org.br/artigos/palestras/01.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2009.

ALMEIDA, Talita de. **Maria Montessori: Uma história no tempo e no espaço.** Rio de Janeiro: Orape, s/d. 48 p.

ALMEIDA, Talita de. **Em família.** Disponível em: <<http://www.montessoribrasil.org/emfamilia.html>>. Acesso em: 11 ago. 2009.

CERQUEIRA, Patricia. **Por que investir em educação pública?** 22 jul 2009. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/indicadores/empresas-investem-educacao-publica-478072.shtml>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

COSTA, Cynthia. **Entrevista Cristovão Buarque.** 04 maio 2009. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/entrevista-cristovam-buarque-467991.shtml>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

COSTA, Cynthia; BERNARDINO, Juliana. **Entrevista Rubem Alves.** 18 maio 2009. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/entrevista-rubem-alves-471231.shtml>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

COSTA, Maria da Piedade Resende da. **A contribuição do Método Montessori para o Desenvolvimento Cognitivo da Criança Portadora da Síndrome de Down.** Revista Brasileira de Estudo em Pedagogia, Brasília, v. 77, n. 185, p.90-112, 1996. Jan/abril. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/252/253>>. Acesso em: 17 jul. 2009.

CURI, Andrea Zaitune; MENEZES FILHO, Naércio Aquino. Os efeitos da pré-escola sobre salários, escolaridade e proficiência. **XVVIV Encontro Nacional de Economia**, Salvador, p.01-21, 08 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2006/artigos/A06A092.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2009.

DODECÁLOGO do Professor - Orientador Montessoriano Tradução do texto italiano Perugia – Itália. Disponível em: <<http://www.montessoribrasil.org/educador.html>>. Acesso em: 11 ago. 2009.

DOMENICO, Etiene Cordeiro Guérios de. **Metodologia de Ensino para a Iniciação Matemática Fundamentada na Pedagogia Montessoriana**. 1988. (153 f.) Dissertação. Mestrado em educação - UFPA - Universidade Federal do Paraná, Paraná, 1988.

FERRARI, Marcio. **Friedrich Froebel: O formador das crianças pequenas**. Out 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/formador-criancas-pequenas-422947.shtml>>. Acesso em: 04 ago. 2009.

GOMIDE, Camilo. **Entrevista Ivan Valente**. 22 maio 2009. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/ivan-valente-entrevista-472068.shtml>>. Acesso em: 11 ago. 2009.

GOMIDE, Camilo. **O direito a educação infantil**. 22 maio 2009. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/creche-direito-472058.shtml>>. Acesso em: 11 ago. 2009.

JEAN ITARD, In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003. [Consult. 2009-08-04]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$jean-itard](http://www.infopedia.pt/$jean-itard)>.

JULIO, Ana Angélica. **O método Montessori: estudo de representações de professores utilizadores do método**. 1997. (181 f.) Dissertação. Mestrado em

educação - PUCCAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1997.

LIMA, Edimara de; LIMA, Marcia Tavares de. **Montessori e o século XXI**. OMB, Rio de Janeiro, v. 1, p.4-6, 01 out. 1998. Disponível em: <<http://www.omb.org.br/artigos.php>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

MACHADO, Izaltina de Lourdes. **Educação Montessori: De um homem novo para um novo mundo**. 2ª edição São Paulo: Pioneira, 1983. 92 p. (Cadernos de Educação).

MONTESSORI, Maria. **A criança**. 3ª edição São Paulo: Portugália, 1983. 206 p.

_____, Maria. **A descoberta da criança**. Rio de Janeiro: Portugália, 1948. 336 p.

_____, Maria. **Em família**. Rio de Janeiro: Nordica, 1967. 109 p.

_____, Maria. **Formação do Homem**. 3ª edição Rio de Janeiro: Portugália, s/d. 90 p.

_____, Maria. **Mente Absorvente**. Rio de Janeiro: Portugália, 1985. 245 p.

_____, Maria. **O que você precisa de saber sobre seu filho**. Rio de Janeiro: Portugália, 1966. 100 p.

_____, Maria. **Pedagogia Científica**. São Paulo: Flamboyant, 1965. 309 p.

MONTESSORI JUNIOR, Mario M.. **Educação para o desenvolvimento humano: Para entender Montessori**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Orape, 1987. 135 p.

MENEZES-FILHO, Naércio Aquino. **A evolução da Educação no Brasil e seu Impacto no Mercado de Trabalho**. Instituto Futuro Brasil, São Paulo, 2001.

Disponível em:
<<http://www.anj.org.br/pje/biblioteca/publicacoes/A%20Evolucao%20da%20educacao%20no%20Brasil%20e%20seu%20impacto%20no%20Mercado%20de%20trabalho.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2009.

OLIVEIRA, Henrique J. C. de. **Contributo fundamental dos pedagogos da 1ª metade do séc. XX.** 1996. Disponível em:
<<http://www.prof2000.pt/users/hjco/auditesepg007070.htm>>. Acesso em: 04 ago. 2009.

PEDAGOGIA E COMUNICAÇÃO (Ed.). **Inventor italiano e pioneiro do rádio.** s/d. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u632.jhtm>>. Acesso em: 02 out. 2009.

PIRES, Maya. **Técnicas Revolucionárias de Ensino na Pré Escolar: a criança dos três aos seis anos.** São Paulo: Ibrasa, 1969. 243 p.

POLLAND, Michael. **Personagens que mudaram o mundo: Os grandes humanistas. Maria Montessori: A pedagoga italiana que revolucionou o sistema educacional em todo o mundo.** Rio de Janeiro: Globo, 1990. 64 p.

REDAÇÃO EDUCAR. **Por dentro do plano de desenvolvimento da educação.** Os dez principais pontos do pacote lançado para melhorar a educação brasileira. 05 ago. 2009. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/pde-299348.shtml?page=page8>>. Acesso em: 11 ago. 2009.

GUIMARÃES, Camila Isola. **A influência da vida prática nas outras áreas do currículo montessoriano.** 1999. (76 f.) Trabalho de Conclusão de Curso. UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

WEINBERG, Monica. **O bom de educar desde cedo.** 15 jun. 2009. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/entrevista-james-heckman-477453.shtml>>. Acesso em: 11 ago. 2009.

ANEXOS

ANEXO 1

ANOTAÇÕES do Curso de Aperfeiçoamento Montessori, modulo 1, 2008. Campinas.

Nome do Material:

Materiais:

Ponto de Interesse:

Controle de Erro:

Objetivo Direto:

Objetivo Indireto:

Idade:

Vocabulário:

Apresentação:

Extensões:

Variações:

Exemplo:**Nome do Material: Conjunto de Encaixes Sólidos****Materiais:**

Quatro blocos, cada um com dez cilindros de tamanhos diferentes.

- Bloco A: Os cilindros crescem em diâmetro e altura
- Bloco B: Os cilindros crescem em diâmetro sem mudança de altura
- Bloco C: Os cilindros crescem em altura sem mudança de diâmetro
- Bloco D: Os cilindros crescem em diâmetro, enquanto diminuem em altura.

Ordem de dificuldade: ABDC

Ponto de Interesse:

Quando o cilindro entra no espaço do bloco

Controle de Erro:

O cilindro não encaixa no bloco

Objetivo Direto:

Descriminação de dimensão, volume e altura.

Objetivo Indireto:

Preparação para a matemática, preparação para a escrita.

Idade:

2 ½ anos

Vocabulário:

Grande, pequeno, alto, baixo, grosso, fino, largo, estreito, maior, menor.

Apresentação:

Convidar a criança para fazer a atividade. Pegar a atividade e levar até uma mesa. Sentar com a criança. A criança deve sempre ficar do lado esquerdo do professor, se este for destro para que sua mão não atrapalhe a visão da criança.

Tirar um encaixe de cada vez, segurando o pino com os três dedos mostrando o movimento de pinça, e colocar sobre a mesa espalhados. Olhar para o bloco vazio e pegar um encaixe de cada vez, passar a mão em volta de sua superfície e encaixá-lo no encaixe certo. Repetir o procedimento até que todos os pinos tenham sido colocados novamente em seus devidos lugares. Falar para a criança: Agora é a sua vez.

Mostre com os dedos a dimensão em que está sendo trabalhada. No início não se diz nada. Quando a criança começar a perceber a diferença nomeie utilizando a lição dos 3 tempos.

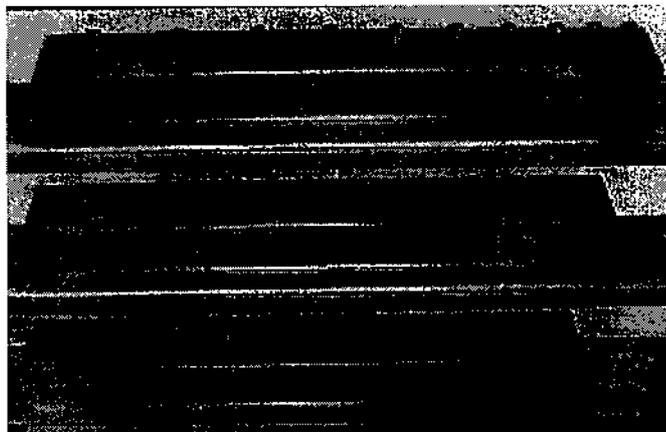
Extensões:

Jogo de velocidade, olhos vedados, colocar dois, depois três e depois quatro encaixes na mesa ao mesmo tempo.

Variações:

Jogos em grupo ou individual (achando na sala, segurando atrás das costas, achando em baixo de um pano).

Foto:



ANEXO 2
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):

Eu, _____, RG
_____, diretora da escola _____
_____, localizada _____

_____,
CNPJ: _____, declaro estar ciente de que a escola participará de um estudo denominado **“O sistema Montessori. Uma introdução dos principais conceitos e um vídeo de observação de sala**, cujos objetivos e justificativas são: Apresentar as principais idéias de Maria Montessori e seu trabalho, bem como a atualidade deste; e mostrar, em um vídeo ilustrativo, uma sala de aula em funcionamento. Este trabalho se destina a divulgar à comunidade acadêmica quem foi Maria Montessori e quais foram suas idéias demonstrando a eficácia e importância deste ainda nos dias atuais.

Declaro estar ciente de que o espaço da escola, os funcionários e os alunos estarão sujeitos a filmagens para a elaboração do vídeo ilustrativo de uma sala de aula em funcionamento.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, não haverá nenhum benefício e nenhum risco para a escola e nem para nenhuma pessoa envolvida.

Fui alertado ainda que as imagens poderão ser expostas em congressos, palestras ou qualquer outro meio de divulgação acadêmica que contemplem o objetivo e justificativa da pesquisa.

Estou ciente de que a privacidade da escola será respeitada ao máximo, tendo em vista as condições do trabalho, ou seja, o nome da escola ou qualquer outro dado ou elemento (exceto imagens) que possam, de qualquer forma expor a escola serão mantidos em sigilo.

Declaro ter sido informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa, a escola não sofrerá qualquer prejuízo à assistência que venha recebendo.

Declaro estar ciente que a pesquisadora envolvida com o referido projeto é a estagiária da escola e estudante **Daniela de Mello Monteiro**, do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Campinas, e que com ela poderei manter contato pelos telefones: _____ e _____ e pelo e-mail: _____@_____.com.br. Declaro ter sido informado que a estudante realiza a pesquisa para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso e que para isto está sob a supervisão da Professora Dra. Luci Banks Leite.

Por fim declaro estar ciente de que me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação da escola na pesquisa.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em abrir a escola para a realização da pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação da escola na pesquisa.

Campinas, ____ de _____ de 2009.

Ass. Diretora da Escola.

RG:

Ass. pesquisadora.

RG: 43.912.137-1

ANEXO 3

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):

Declaro estar ciente de que
_____, nascido em
_____, com a idade de _____, neste ato representado por mim,
_____, nascido
em _____, com a idade de _____, estado civil
_____, profissão _____, residente
_____.

está sendo convidado a participar de um estudo denominado **“O sistema Montessori. Uma introdução dos principais conceitos e um vídeo de observação de sala”**, cujos objetivos e justificativas são: Apresentar as principais idéias de Maria Montessori e seu trabalho, bem como a atualidade deste; e mostrar, em um vídeo ilustrativo, uma sala de aula em funcionamento. Este trabalho se destina a divulgar à comunidade acadêmica quem foi Maria Montessori e quais foram suas idéias demonstrando a eficácia e importância deste ainda nos dias atuais.

Estou ciente de que a participação do meu representado no referido estudo será na conseqüência de imagens deste trabalhando em sala de aula ou em qualquer outra atividade cotidiana da escola para a elaboração de um vídeo ilustrativo de uma sala de aula em funcionamento. Declaro ainda permitir a divulgação do primeiro nome do meu representado, tendo em vista que poderá acontecer de alguém chamá-lo durante as filmagens.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, não haverá nenhum benefício e nenhum risco para o meu representado.

Fui alertado ainda que as imagens poderão ser expostas em congressos, palestras ou qualquer outro meio de divulgação acadêmica que contemplem o objetivo e justificativa da pesquisa.

Estou ciente de que sua privacidade será respeitada ao máximo, tendo em vista as condições do trabalho, ou seja, o nome completo ou qualquer outro dado ou

elemento (exceto imagem e primeiro nome) que possam, de qualquer forma, identificá-lo, serão mantidos em sigilo.

Declaro ainda ter sido informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa, não haverá qualquer prejuízo à assistência que vem recebendo.

Declaro estar ciente de que a pesquisadora envolvida com o referido projeto é a estudante **Daniela de Mello Monteiro**, do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Campinas, e que com ela poderei manter contato pelos telefones: _____ e _____ e pelo e-mail: _____@_____.com.br . Estou ciente de que a estudante realiza a pesquisa para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso e que para isto está sob a supervisão da Professora Dra. Luci Banks Leite.

Por fim declaro estar ciente de que me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação do meu representado na pesquisa.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, autorizo a participação de _____ na referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.

Campinas, ____ de _____ de 2009.

Ass. representante legal.

RG:

Ass. pesquisadora.

RG: 43.912.137-1

ANEXO 4

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):

Eu, _____,
nascido em _____, com a idade de _____, estado civil
_____, profissão _____, residente

RG: _____, declaro estar ciente de que estou sendo convidado a participar de um estudo denominado **“O sistema Montessori. Uma introdução dos principais conceitos e um vídeo de observação de sala**, cujos objetivos e justificativas são: Apresentar as principais idéias de Maria Montessori e seu trabalho, bem como a atualidade deste; e mostrar, em um vídeo ilustrativo, uma sala de aula em funcionamento. Este trabalho se destina a divulgar à comunidade acadêmica quem foi Maria Montessori e quais foram suas idéias demonstrando a eficácia e importância deste ainda nos dias atuais.

Declaro estar ciente de que a minha participação no referido estudo será na conseqüência de minhas imagens trabalhando em sala de aula ou em qualquer outra atividade cotidiana da escola para a elaboração de um vídeo ilustrativo de uma sala de aula em funcionamento, bem como permitir a divulgação de meu primeiro nome, tendo em vista que poderá acontecer de alguém me chamar durante as filmagens.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, não haverá nenhum benefício e nenhum risco para mim.

Fui alertado ainda que as imagens poderão ser expostas em congressos, palestras ou qualquer outro meio de divulgação acadêmica que contemplem o objetivo e justificativa da pesquisa.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada ao máximo, tendo em vista as condições do trabalho, ou seja, meu nome completo ou qualquer outro dado ou elemento (exceto imagem e primeiro nome) que possam, de qualquer forma, me identificar, serão mantidos em sigilo.

Declaro ter sido informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar

haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venha recebendo.

Declaro estar ciente que a pesquisadora envolvida com o referido projeto é a estudante **Daniela de Mello Monteiro**, do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Campinas, e que com ela poderei manter contato pelos telefones: _____ e _____ e pelo e-mail: _____@_____.com.br Declaro ter sido informado que a estudante realiza a pesquisa para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso e que para isto está sob a supervisão da Professora Dra. Luci Banks Leite.

Por fim declaro estar ciente de que me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação na pesquisa.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Campinas, ____ de _____ de 2009.

Ass. sujeito da pesquisa.

RG:

Ass. pesquisadora.

RG: 43.912.137-1

ANEXO 5

Vídeo de observação de uma sala Montessori em funcionamento

O Sistema Montessori
Uma introdução dos principais conceitos e um vídeo de
observação de sala

Trabalho de Conclusão de Curso - Unicamp - 2009

Daniela de Mello Monteiro
Orient. Prof. Dra. Luci Banks
*** Proibida a cópia**

ANEXO 6

Comentários sobre o vídeo

O vídeo de observação mostra os espaços da escola e a rotina da escola. Inclui alguns momentos de sala mostrando a dinâmica e o funcionamento da mesma. Pode-se perceber pelo vídeo que realmente as crianças trabalham cada uma com uma atividade ou em pequenos grupos fazendo sempre o que desejam. Pode-se notar que a professora pouco interfere na atividade da criança e se mantém como uma observadora ativa.

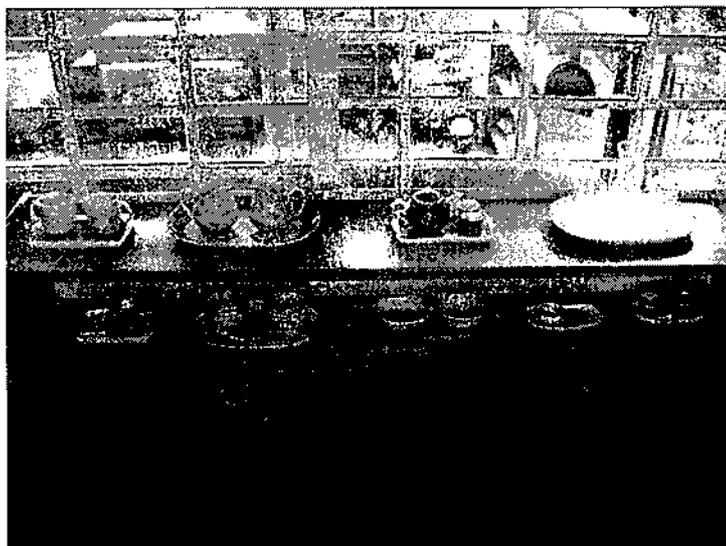
Acredito que o vídeo elucida algumas das principais características descritas ao longo deste trabalho mostrando como é fácil trabalhar quando se há um ambiente e um professor preparado.

O vídeo mostra ainda alguns outros momentos da escola como parque, almoço, linha, soninho e pode-se verificar que mesmo nestes momentos a postura do professor é sempre a mesma e as crianças também se mostram bastante independentes, livres e autônomas.

Meu grande desejo é que, por mais que esta escola seja bastante diferente das demais, as idéias descritas ao longo deste trabalho e as atitudes exemplificadas no vídeo sirvam de inspiração para cada um dos professores leitores que terão acesso a este trabalho estimulando-os a repensar suas práticas e melhorá-las cada dia mais, cada um a sua maneira. Desejo ainda que a cada dia mais os professores busquem proporcionar aos seus alunos um desenvolvimento de personalidade sadia e não um simples memorizar e aprender dos conteúdos ou o oposto uma dependência extrema e poucas atividades criativas.

ANEXO 7

Mapeamento dos materiais sala de 3-6 anos (Material cedido por Camila Isola Guimarães)



VIDA PRÁTICA

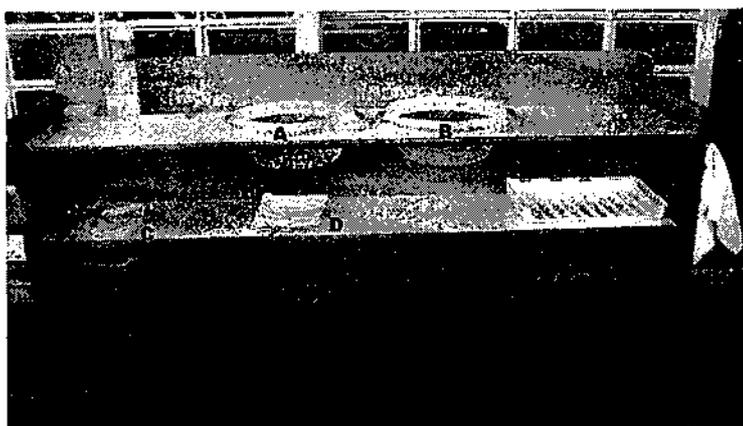
- A- Versar sólidos de jarra para jarra;
- B- Versar líquido de jarra para jarra;
- C- Versar líquido de jarra para copo;
- D- Versar líquido com medida;
- E- Transpor alfinete;
- F- Transpor com pegador;
- G- Transpor com colher;
- H- Transpor com pinça;
- I- Transpor com conta gotas;
- J- Parafusar e Desparafusar;
- K- Abrir e Fechar Cadeado;



VIDA PRÁTICA

- A- Telaio de Botão;

-
- B- Telaio de colchete de pressão;
 - C- Telaio de botão de pressão;
 - D- Telaio de colchete de gancho;
 - E- Telaio de fivela;
 - F- Telaio de zíper;
 - G- Telaio de laço;
 - H- Telaio de ilhós;
 - I- Costurar figura;
 - J- Pregar botões;

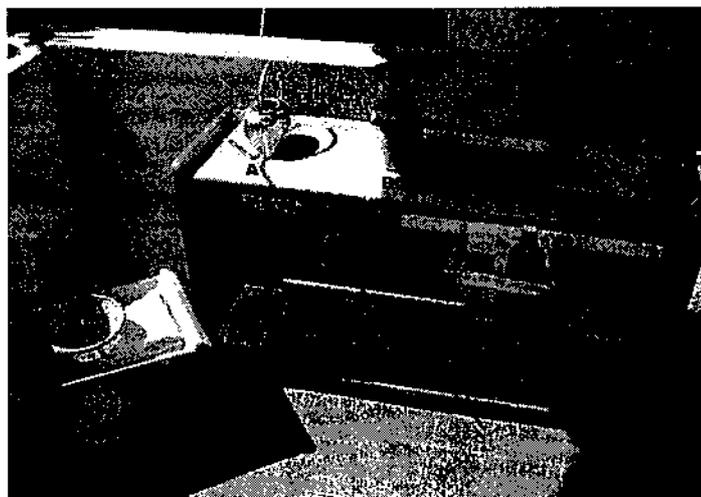


ATIVIDADE DE LAVAR A LOUÇA.

- A- Bacia para lavar;
- B- Bacia para enxaguar;
- C- Pano para secar a atividade;
- D- Pano para secar a louça;
- E- Balde para jogar a água suja das bacias.

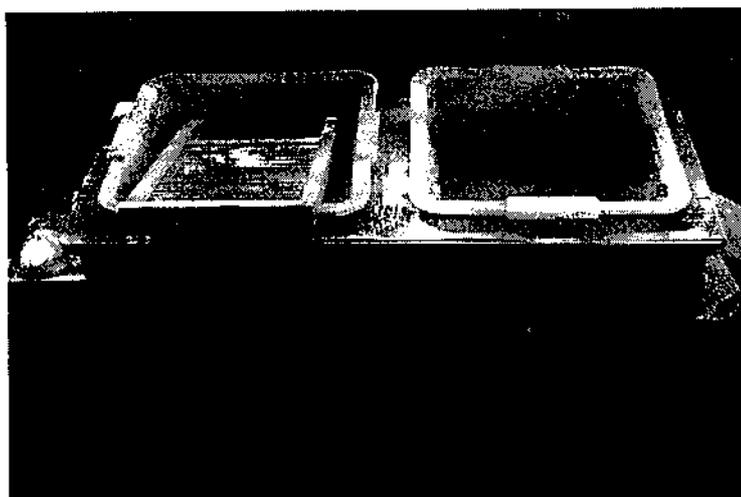


EXERCÍCIO DE VARRER O CHÃO E RECOLHER O LIXO



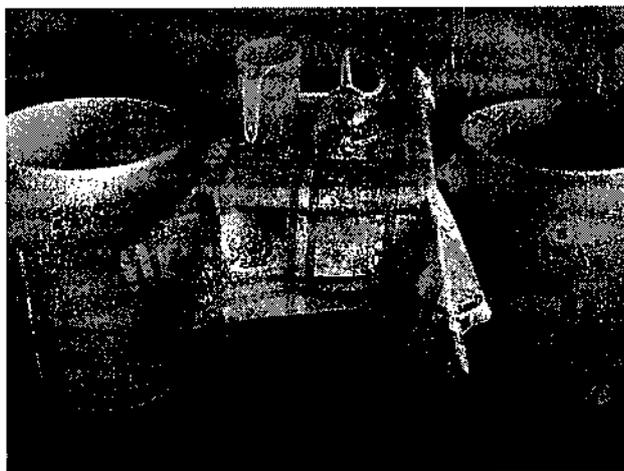
VIDA PRÁTICA

- A- Regador de plantas internas;
- B- Regador de plantas externas;
- C- Atividade de limpar as folhas da planta;
- D- Atividade de tirar o pó;
- E- Atividade de lavar os vidros;
- F- Reposição de pano da atividade de lavar os vidros;
- G- Reposição de pano da atividade de lavar a roupa;
- H- Reposição de pano da atividade de lavar as mãos;
- I- Reposição de pano da atividade de lavar a mesa;
- J- Reposição de pano da atividade de lavar o cavalete;
- K- Reposição de pano da atividade de limpar os líquidos derramados das atividades internas;
- L- Reposição de pano da atividade de tirar o pó;
- M- Atividade de lavar a mesa.



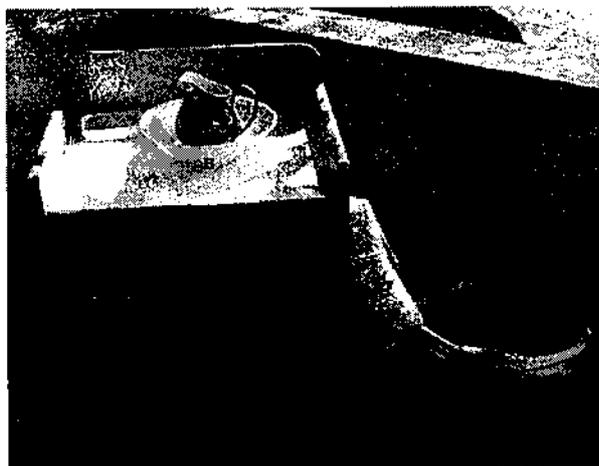
ATIVIDADE DE LAVAR PANO

-
- A- Bacia para lavar os panos;
 - B- Bacia para enxaguar;
 - C- Cesto de pano sujo;
 - D- Jarra para suprir a atividade com água;
 - E- Balde para jogar a água suja das bacias.



SUPRIMENTO DE ÁGUA

- A- suprimento de água limpa;
- B- suprimento de água suja.



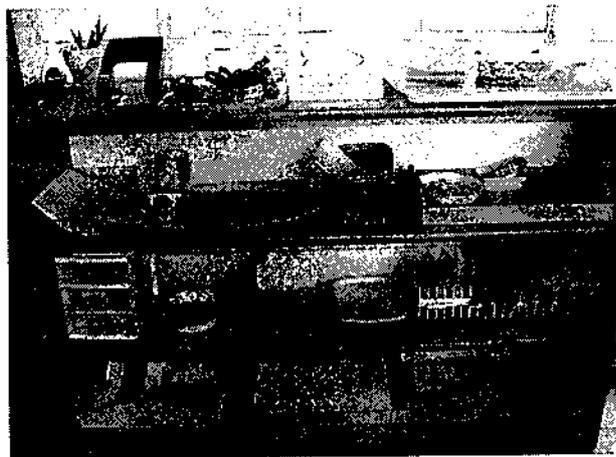
ATIVIDADE DE LAVAR AS MÃOS

- A- Jarra para suprir a atividade com água;
- B- Cuba para lavar as mãos;
- C- Toalha para secar as mãos;
- D- Pano para secar a atividade;
- E- Balde para jogar a água suja da atividade.



PINTAR E LIMPAR O CAVALETE

- A- Cavalete;
- B- Folhas para pintura;
- C- Lápis para pôr o nome da criança;
- D- Durex para prender a folha no cavalete;
- E- Bandeja de pintura;
- F- Bandeja para lavar o cavalete;
- G- Balde para jogar a água suja da atividade.



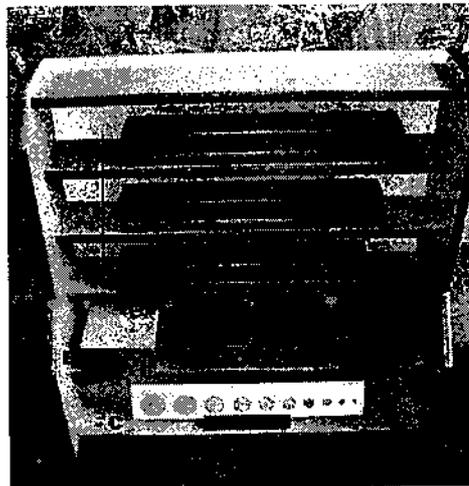
ARTES

- A- Bandeja com materiais de suporte para as atividades de artes;
- B- Preenchimento de espaços determinados (Mosaicos);
- C- Rasgar com movimentos curtos a dedo e colar no papel;
- D- Colagem segundo as Formas (dirigida);
- E- Talho vertical sem limite;
- F- 4º Talho – guia vertical – peças avulsas;
- G-Envelope para guardar o papel recortado;
- H- Figuras impressas;
- I- Talhos de recorte;
- J-Revista;
- K- Papel sulfite;
- L- Cartolina;



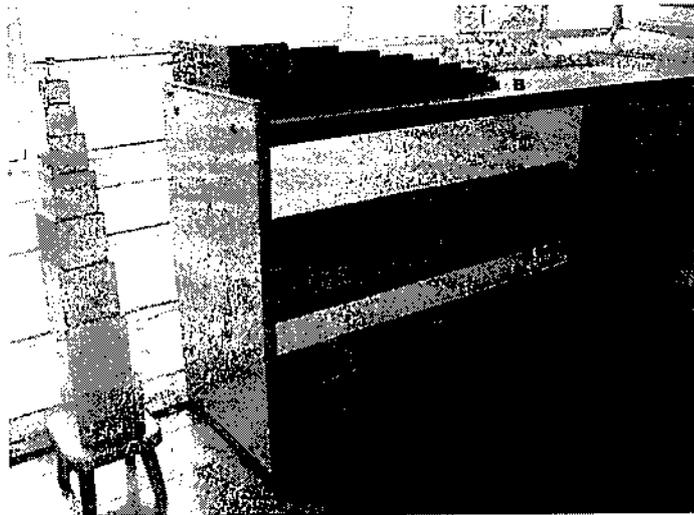
SENSORIAL

- A- Placa de liso e áspero (1ª placa);
- B- Placa de liso e áspero (2ª placa);
- C- Placa de liso e áspero (3ª placa);
- D- Gradação do áspero;
- E- Barras térmicas;
- F- Caixa de fazendas;
- G- Tabuinhas do Bórico
- H- Caixa de rumores;
- I- Garrafinhas dos odores;
- J- Classificação;
- K- Saco de reconhecimento (Pareamento);
- L- Quebra cabeça.



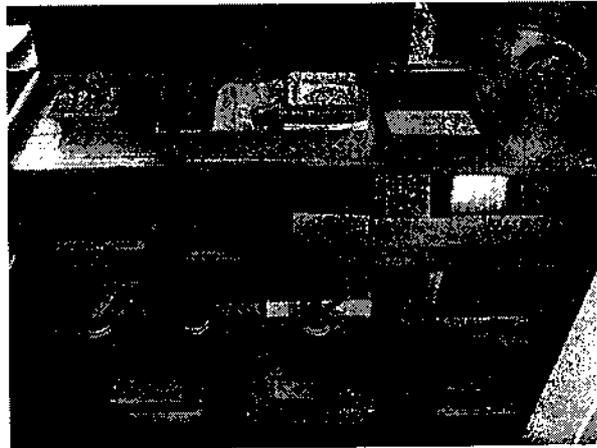
SENSORIAL

- A- Encaixes sólidos;
- B- Cilindros de cor;
- C- Base para cilindros de cor.



SENSORIAL

- A- Torre cor de rosa;
- B- Escada marrom;
- C- Barras vermelhas;
- D- 1ª caixa de cores;
- E- 2ª caixa de cores;
- F- Sensorial com contas.



LINGUAGEM

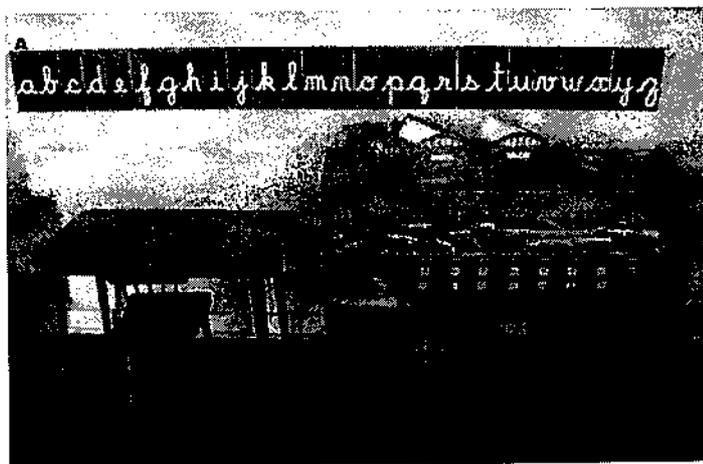
- A- Pareamento de objeto – objeto;
- B- Pareamento objeto – figura;
- C- Objetos de higiene;
- D- Análise de gravura;
- E- Pareamento do tridimensional para o bidimensional e nomenclatura;
- F- Quebra - cabeça;
- G- Ditado mudo (figura + nome);
- H- Ambiente em miniatura, banheiro (com nomenclatura);
- I- Ambiente em miniatura, sala (com nomenclatura);
- J- Ambiente em miniatura, quarto (com nomenclatura);
- K- Ambiente em miniatura, cozinha (com nomenclatura);

-
- L- 1ª série do livro;
 - M- 2ª série do livro;
 - N- 3ª série do livro;



LINGUAGEM

- A- Letras de lixa;
- B- Caderno de letras de lixa;
- C- Folhas para o caderno de lixa;
- D- Quadro de linha simples;
- E- Quadro de linha pautado.



LINGUAGEM

- A- Quadros murais de letras;
- B- Primeiro nome dos alunos;
- C- Nome completo dos alunos;
- D- Alfabetário móvel;
- E- Acentos do alfabetário;
- F- Tapete pautado;

-
- G- Caixa de figuras para escrita;
 - H- Primeiro alfabetário;
 - I- Segundo alfabetário;
 - J- Terceiro alfabetário;
 - K- Quarto alfabetário;

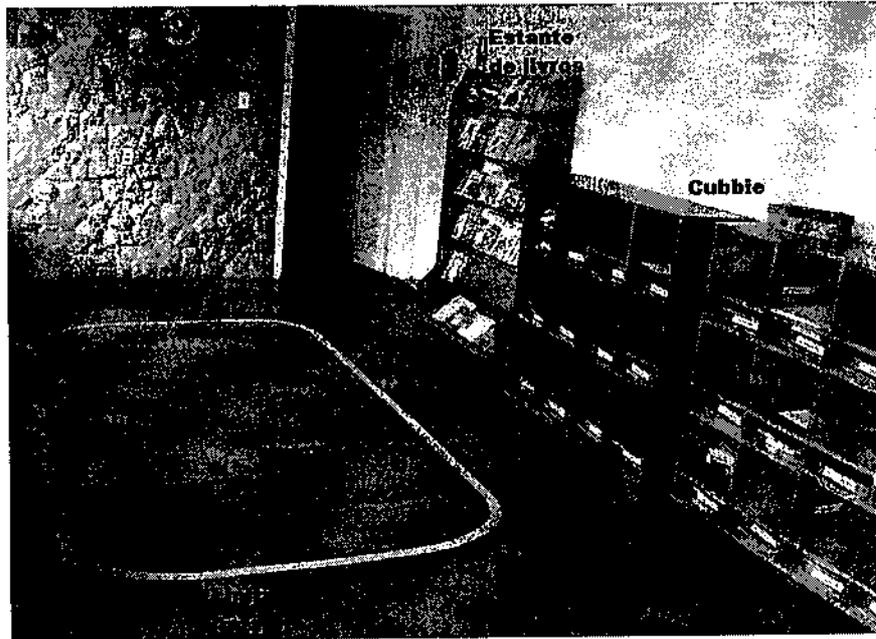


LINGUAGEM

- A- Cartões de relacionamento;
- B- Ditado Mudo;
- C- Pasta para guardar o ditado mudo de cada aluno;
- D- Alfabeto;
- E- Folha pautada;
- F- Tábua de apoio para escrita;
- G- Dificuldade ortográfica;
- H- Bolsas de palavras de diferentes números de sílabas.



ESPAÇO DE LEITURA



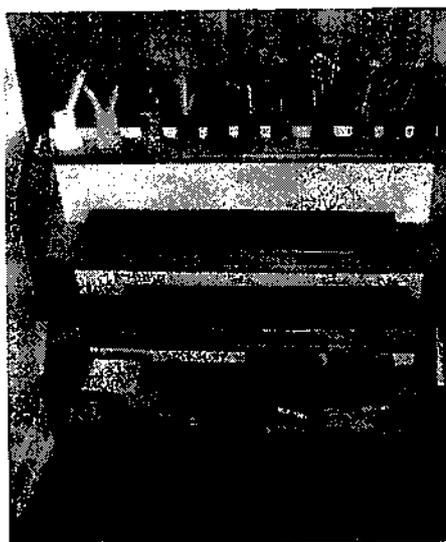
CIÊNCIAS

- A- Figuras: Vivo – Não vivo;
- B- Figuras: Vegetal, Animal e mineral;
- C- Material de exploração;
- D- Série Árábica – Caule;
- E- Série Árábica – Folha;
- F- Material de exploração – Insetos;
- G- Material de exploração – Insetos;
- H- Série Árábica – Mamífero;
- I- Série Árábica – Ave;
- J- Série Árábica – Anfíbio;
- K- Série Árábica – Peixe;
- L- Série Árábica – Réptil;
- M- Série Árábica – Flor;
- N- Folha de pesquisa de vegetal, animal e mineral;
- O- Reinos da Natureza.



CIÊNCIAS E GEOGRAFIA

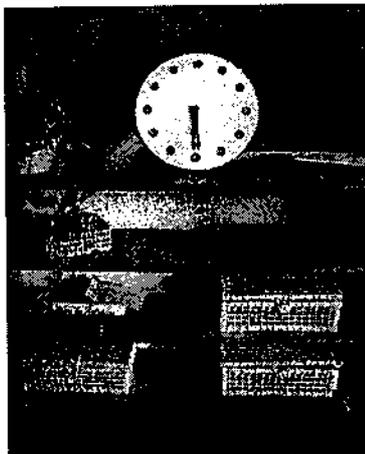
- A- Potes para armazenar os elementos da natureza: ar, água e terra;
- B- Globo Terrestre;
- C- Desafio dos estados;
- D- Linha da vida;
- E- Exploração de elementos do mar;
- F- Corpo Humano;
- G- Linha de tempo da pré-história;
- H- Sistema solar;
- I- Mapa das Regiões;
- J- Mapa das Estados.



LINGUAGEM

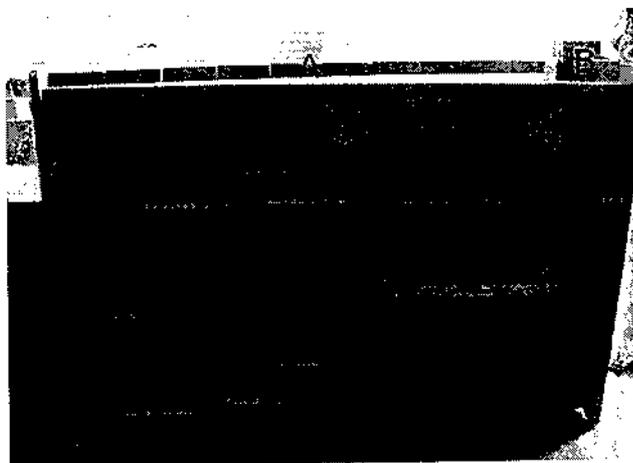
- A- Lápis de cor;
- B- Encaixes Metálicos;
- C- Porta lápis de cor;
- D- Folha para desenhar as formas geométricas dos encaixes metálicos;

-
- E- Apoio para folha;
 - F- Caderno para guardar o desenho.



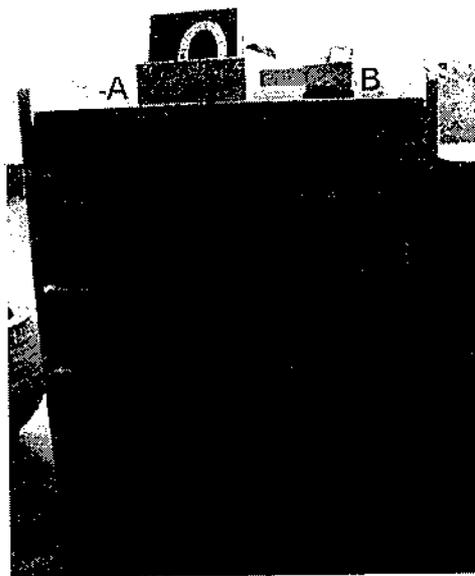
CIÊNCIAS

- A- Calendário: Meses do ano;
- B- Relógio;
- C- Estações do ano;
- D- Figuras para classificações das estações do ano;
- E- Elementos da natureza;
- F- Elementos da natureza – locomovem-se (animais);
- G- Elementos da natureza – locomovem-se (meios de transporte);
- H- Elementos da natureza para classificação.



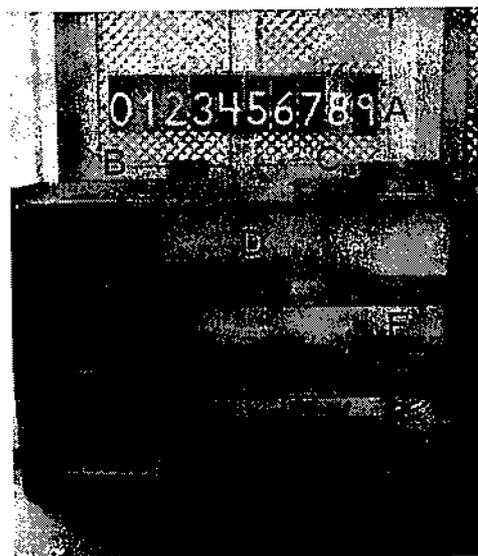
MATEMÁTICA

- A – Barras Vermelhas e azuis
- B – Numerais
- C – Fusos
- D – Relacionando quantidades aos números
- E – Tentos (números pares e ímpares)
- F - Segredo
- G – Jogo da serpente



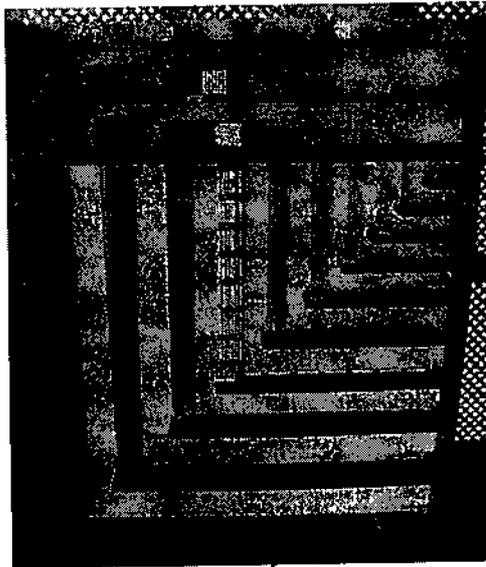
MATEMÁTICA

- A – Números de Lixa
- B – Nomes referentes aos números de lixa
- C – Quadro de Giz
- D – Quadro de Giz quadriculado



MATEMÁTICA

- A – Mural de números
- B – Bandeja de introdução
- C – Bandeja de exploração
- D – Primeira tábua de Sèguin
- E – Segunda tábua de Sèguin
- F – Segredo (10 – 20)
- G – Crivo
- H – Rolinho de contagem



MATEMÁTICA

Cadeias



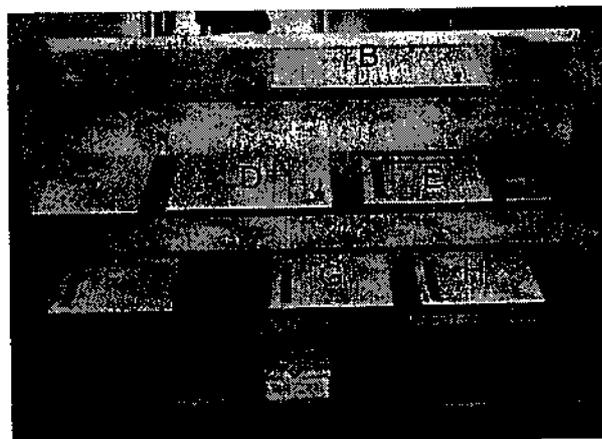
MATEMÁTICA

- A – Material dourado
- B – Numerais
- C – Material dourado em madeira
- D – Bandeja de material dourado



SENSORIAL

- A – Sólidos Geométricos
- B – Cartões de Projeção dos sólidos
- C – Segunda caixa de triangulação
- D – Terceira caixa de triangulação
- E – Quarta caixa de triangulação
- F – Caixa de triangulação
- G – Primeira caixa (triângulos azuis – Desloc I)
- H – Segunda caixa (triângulos azuis – Desloc II)
- I – Cubo do binômio
- J - Cubo do trinômio



MATEMATICA

- A – Barrinhas Vermelhas e Azuis
- B – Tábua das Reguinhas
- C – Adição tábua 1
- D – Adição tábua 2
- E – Adição tábua 3
- F – Adição Tábua 3¹
- G – Adição tábua 4
- H – Adição tábua 5
- I – Jogo dos selos
- J- Folhas das casas de adição
- L – Tábua de multiplicação
